

SOLENIIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR

ABRAÇA O PRESENTE DA PÁSCOA. É CRISTO VIVO.



CRISTO É O PRESENTE SEMPRE PRESENTE.



Abraça o presente
PARÓQUIA DE NOSSA
SENHORA DA HORA

criado por um sacerdote no ano 2000-2001

RITOS INICIAIS

Cântico inicial | Monição de entrada

P. Da Páscoa à Ascensão quarenta dias vão. E hoje, em vez de lágrimas na partida e na despedida de Jesus, fazemos Festa. Porque Ele parte para ficar e nós ficamos para partir em missão. Jesus, elevado agora aos céus, permanece vivo e presente, por meio do Espírito Santo. **Cristo é o presente sempre presente.** O seu modo novo de ser e de estar presente, pelo dom e pela ação do Espírito Santo, é uma presença que não limita a nossa liberdade. Pelo contrário, dá-nos espaço e faz-nos protagonistas da missão, na construção do Reino de Deus. Elevado ao céu, Jesus, em vez de ser e de estar presente apenas a uns poucos (de contemporâneos ou de enterrâneos), faz-se próximo de todos, em todos os tempos e latitudes. O Espírito Santo torna Jesus presente em nós, além das barreiras do tempo e do espaço, para fazer de nós testemunhas da verdade no amor. Pelas vezes, em que usurpamos o lugar de Jesus, substituindo em vez de O fazer presente, invoquemos a misericórdia do Senhor.

Nota: Na Missa de Sábado, às 16h00, faz a Primeira Comunhão uma adulta do Percurso Catecumenal: Maria Teresa Malembe Mbuka, 24 anos, oriunda de Angola. Presentes a irmã gémea, prima e amigas. Deve integrar a Procissão de Entrada, trazer o cálice com a patena na Apresentação dos dons e receber a Eucaristia junto do altar.

Kyrie – cf. proposta do Missal Romano para a Ascensão

P. Senhor, que subistes ao céu como Rei do Universo e Senhor dos séculos, Senhor, tende piedade de nós.

R. Senhor, tende piedade de nós

P. Cristo, que na vossa Ascensão levastes cativo o cativoiro, Cristo, tende piedade de nós.

R. Cristo, tende piedade de nós.

P. Senhor, que voltando à Casa do Pai, nos abristes o Céu, Cristo, tende piedade de nós.

R. Senhor, tende piedade de nós

Hino do Glória

P. Na Ascensão, contemplamos Cristo glorificado e exaltado pelo Pai, sentado à sua direita, com todo o poder do Seu amor. Louvemos e glorifiquemos o Senhor.

Oração coleta

Nota: O novo Missal Romano, 3.^a edição, pp.401-402, apresenta uma proposta para a Missa da Vigília da Ascensão, na tarde da véspera da Solenidade.

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª Leitura: At 1,1-11 – forma mais breve nas Missas com Catequese

Leitura dos Atos dos Apóstolos

Aqueles que se tinham reunido, com Jesus, à mesa,
começaram a perguntar:

«Senhor, é agora que vais restaurar o reino de Israel?».

Ele respondeu-lhes:

*«Não vos compete saber os tempos ou os momentos
que o Pai determinou com a sua autoridade;
mas recebereis a força do Espírito Santo, que descerá sobre vós,
e sereis minhas testemunhas em Jerusalém,
e em toda a Judeia e na Samaria e até aos confins da terra».*

Dito isto, elevou-Se à vista deles
e uma nuvem escondeu-O a seus olhos.

E estando de olhar fito no Céu,
enquanto Jesus Se afastava,
apresentaram-se-lhes dois homens vestidos de branco,
que disseram:

*«Homens da Galileia, porque estais a olhar para o Céu?
Esse Jesus, que do meio de vós foi elevado para o Céu,
virá do mesmo modo que O vistes ir para o Céu».*

Palavra do Senhor.

R. Graças a Deus.

Salmo Responsorial: *Sl 46 (47)*

Refrão: **Ergue-Se Deus, o Senhor, em júbilo e ao som da trombeta!**

Cantar apenas a 2.^a estrofe nas Missas com catequese

2.^a leitura: *Ef 1,17-23* - fórmula mais breve

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Efésios

Irmãos:

O Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo,
o Pai da glória,
vos conceda um espírito de sabedoria e de revelação
para O conhecerdes plenamente
e ilumine os olhos do vosso coração,
para compreenderdes a esperança
a que fostes chamados.

Assim o mostra a eficácia da poderosa força
que exerceu em Cristo,
que Ele ressuscitou dos mortos
e colocou à sua direita nos Céus.

Palavra do Senhor.

R. Graças a Deus.

Aclamação ao Evangelho: Aleluia. Aleluia. Aleluia.

Evangelho: *leitura integral*): *Mt 28,16-20*

HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR 2023

Uma partida e uma despedida, com três simples ordens de serviço: *ide, ensinai, batizai*. Digamos, pois, uma palavra, sobre cada um destes mandatos:

1. Ide! Jesus parte para ficar e nós ficamos para partir. Ele chama-nos a ir, a sair, a partir e a expedir em missão. Ele não somente nos envia, mas vai à nossa frente, *primeira-nos*, acompanha-nos, está sempre conosco e coopera nesta missão! Portanto, não estamos aqui sozinhos para substituir Jesus, como se Ele tivesse desaparecido, mas sim para O manifestar e tornar presente. Unidos a Ele, não teremos medo de sair de nós mesmos, de percorrer as estradas do mundo, para levar e revelar Cristo a todos os ambientes, até àqueles que parecem mais distantes, mais indiferentes, mais hostis, menos acolhedores! Usemos inclusive as estradas digitais, as novas tecnologias da comunicação, para ir *até aos confins do mundo* (At 1, 8). Domingo a Domingo, percorramos esta estrada que circula entre a missa e a missão! E perguntemo-nos: *sou um cristão estacionado, acomodado, parado e paralisado, sem energia nem ousadia? Ou sou um discípulo a caminho, entusiasmado, sempre em saída e apressadamente ao encontro dos outros?*

2. Ensinai – ou, como outros traduzem, mais rigorosamente – **fazei discípulos**. Não se trata, na Catequese, ou no ensino religioso e escolar, ou no diálogo pessoal, ou na transmissão familiar ou em outras formas de anúncio ou de formação cristã, de fazer *bons alunos*, de formar pessoas moralmente bem-comportadas. De facto, *“no início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com Cristo, que dá a vida um novo horizonte e um rumo decisivo”* (cf. DCE 1). Então, para fazer discípulos é preciso provocar e facilitar a experiência do encontro com Cristo, de tal modo que essa experiência converta a mente, o coração e a vida. Fazer discípulos não é primeiramente *doutrinar, moralizar*, até saber o Catecismo de cor e cumprir todas as regras, mas é iniciar alguém no diálogo íntimo com Deus, na amizade com Cristo, até a pessoa se tornar capaz de

responder e de corresponder ao que Deus quer de si, seguindo Jesus pelo próprio caminho. *Perguntemo-nos: através da minha palavra e do meu exemplo de vida, fiz algum discípulo? Fui facilitador e mediador, para alguém, do seu encontro pessoal com Jesus Cristo? Ou a minha vida cristã permanece estéril, sem filhos na fé, sem dar frutos? Dou verdadeira importância à minha formação bíblica, litúrgica, espiritual? Valorizo a Oração e a Catequese, em todas as idades? Como aproveito as aulas de Educação Moral e Religiosa Católica, para capacitar o diálogo entre a ciência e a fé, a fé e a cultura? Procuo a Paróquia como um lugar de encontro com Cristo e, por isso, de gestação da fé, ou simplesmente como mera estação de serviços religiosos?*

3. Batizai! Batizar não é passar por água! O Batismo é um verdadeiro mergulho, uma imersão no imenso oceano do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo! Somos batizados, não como quem é apresentado, matriculado ou *praxado*, para ter um nome ou fazer parte de um grupo ou associação; muito menos, para sermos ‘vacinados quanto antes’, para prevenir males maiores! Não. Somos batizados para ser introduzidos no seio da vida divina. Batizados em nome do Pai, tornamo-nos filhos de Deus; batizados em nome do Filho, tornamo-nos irmãos; batizados em nome do Espírito Santo, tornamo-nos morada de Deus e membros da família divina. *Analisemos as águas do nosso Batismo e perguntemo-nos: Qual é o estado de salubridade espiritual das águas do meu Batismo? São águas passadas, em data que nem conheço, e por isso, já não movem moinhos? São águas inquinadas ou águas agitadas pelo sopro do Espírito Santo, que jorram como rios de água viva, para a vida eterna?*

A Ascensão de Jesus marca o ponto de partida da nossa missão: *ide, fazei discípulos e batizai*. Hoje, há demasiada pressa a batizar, pouco empenhamento em fazer discípulos e muita preguiça em sair da nossa zona de conforto! Não valeria a pena pensar em retomar e em respeitar a ordem e a prioridade destes três mandatos? *Primeiro*, sair. *Segundo*, fazer discípulos. *Terceiro*, batizar!

Credo

P. Credes em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra, que exaltou o Seu Filho Jesus Cristo, sentando-O à Sua direita?

R. Sim, creio!

P. Credes em Jesus Cristo, que nasceu da Virgem Maria, padeceu e foi sepultado, ressuscitou e subiu aos céus, levando elevando com Ele toda a nossa humanidade?

R. Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, Senhor que dá a Vida e que torna vivo, presente e atuante Jesus Cristo na nossa vida, na vida da Igreja e na vida do mundo?

R. Sim, creio!

P. Credes na Igreja una, santa, católica e apostólica, com a qual Jesus Cristo forma Corpo na História?

R. Sim, creio!

P. Credes na ressurreição, na vida eterna e no mundo novo que há de vir?

R. Sim, creio!

Oração dos fiéis | cf. Mensagem do Papa para o D. M. Comunicações Sociais 2023

P. Irmãos e irmãs: Jesus, elevado aos céus, intercede por nós, para que sejamos sempre acompanhados e abençoados pelo Pai. Invoquemo-lo, dizendo:

R. Ficai conosco, Senhor, até ao fim dos tempos!

1. Pela Santa Igreja, em processo sinodal: para que pratique uma escuta atenta e disponível e proponha uma palavra corajosa, que inflame os corações, seja bálsamo nas feridas e ilumine o nosso caminho. Invoquemos.

2. Pelos políticos: para que saibam falar com o coração, a fim de promoverem uma cultura de paz, abrindo caminhos de diálogo e de reconciliação, onde há ódio e inimizade. Invoquemos.

3. Pelos que lutam pela Paz: para que, do seu coração, brotem sempre as palavras certas para dissipar as sombras de um mundo fechado e dividido e construir um mundo mais fraterno. Invoquemos.

4. Pelos agentes da comunicação social: para que procurem dizer a verdade com coragem e liberdade, rejeitando a tentação das palavras ofensiva e agressivas. Invoquemos.

5. Por todos nós: para que saibamos escutar e falar, do coração ao coração, para testemunharmos a verdade no amor. Invoquemos.

P. [cf. 2.^a alternativa da Oração Coleta do dia da Solenidade da Ascensão]: Nós Vos suplicamos, Deus todo-poderoso, que, assim como acreditamos que o vosso Filho unigénito, nosso Redentor, hoje subiu aos céus, assim também nós habitemos em espírito nas moradas celestes. Ele que é Deus e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. **R.** Ámen.

LITURGIA EUCARÍSTICA

Prefácio da Ascensão I (nas missas de domingo) ou II (nas missas com catequese) |
Oração Eucarística III | Ritos da Comunhão | Oração pós-comunhão

RITOS FINAIS

Agenda pastoral

- 1- Segunda-feira, dia 22, às 21h00, Confissões dos grupos que fazem a Festa da Eucaristia (Primeira Comunhão), no dia 4 de junho.
- 2- Terça-feira, dia 23, às 21h30, Encontro com catequistas do 6.º ano.
- 3- Quarta-feira, dia 24, 21h00, na Escola do Sobreiro, Oração do Rosário na Cidade.
- 4- Quinta-feira, ultreia formativa, orientada pelo pároco sobre a crise dos adultos.
- 5- Nos dias 27 e 28 de maio, nas Eucaristias Dominicais com Catequese (sábado, às 16h00 | sábado às 19h00 | domingo, às 11h00), gostaríamos de contar com uma participação bem mais expressiva dos catequizandos e dos pais, pois serão as últimas «Missas com a Catequese» deste ano pastoral. Será recordado, em todas as celebrações, o caminho percorrido por cada ano de catequese e haverá uma recordação a entregar aos catequizandos. Esforcem-se um pouco mais por participar ativamente.
- 6- No domingo, dia 28 de maio, às 15h00, há um Café-Concerto, na cripta da nossa Igreja, organizado pelos Pioneiros. Receita de bilheteira reverte para o Agrupamento e para a JMJ. Os bilhetes têm o valor de 3,00€. Esta data coincide com o final do ano da catequese e seria uma forma diferente, festiva e comunitária, de marcar o final do ano catequético.

- 7- No dia 3 de junho, há a Festa Vicarial da Catequese da Infância (do 1.º ao 6.º anos), no Parque Urbano de São Mamede de Infesta, junto ao CATI, a partir das 16h00. Não deixem de participar.
- 8- No dia 10 de junho, às 17h00, no Parque das Sete Bicas, há um Concerto pela Banda da Paróquia, grupo que ganhou a música do Hino JMJ. Mobilizemo-nos todos para criar fundos para a JMJ e para as obras da Igreja. Os bilhetes custam 5,00 € por pessoa (ou 3,00 €, para grupos de 15 ou mais pessoas). Nesse sábado, não há missas vespertinas.
- 9- A partir do mês de junho e até setembro deixa de haver missa com catequese aos sábados, às 16h00. Permanece a Missa Vespertina às 19h00 (com exceção do dia 10, por causa do Concerto).
- 10- Pais devem tomar nota das novas regras para inscrição e renovação da inscrição.
- 11- Ver síntese das contas e obras na folha dominical.

Bênção solene – cf. Missal, 3.ª edição, p. 708

P. Deus todo-poderoso, por meio do seu Filho unigénito,
que hoje subiu aos céus
e vos abriu as portas do reino eterno,
derrame sobre vós as suas bênçãos.

R. Ámen.

P. Deus vos seja favorável e vos santifique,
para que, assim como Cristo, depois da sua ressurreição,
apareceu visivelmente aos seus discípulos,
Ele Se mostre no último dia como juiz benigno
e vos conduza à herança eterna.

R. Ámen.

P. A vós, que acreditais que Jesus Cristo está na glória do Pai,
Ele vos conceda a alegria de sentir que,
segundo a sua promessa,
está convosco até ao fim dos tempos.

R. Ámen.

A bênção de Deus todo-poderoso,
Pai, Filho + e Espírito Santo,
desça sobre vós e permaneça para sempre.

R. Ámen.

Despedida

P. Ide, ensinai, batizai. Ide da Missa à missão.

Ide em paz. Que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

Cântico final

ORAÇÃO DE BÊNÇÃO DA MESA | ASCENSÃO DO SENHOR A 2023

Senhor Jesus,
hoje elevado aos céus:
Tu estás sempre connosco!
Toma parte da nossa mesa,
permanece no meio de nós.
Abençoa os que esperam
do Céu o sol e a chuva,
e trabalham com amor,
para produzir os frutos da Terra.
Senhor Jesus, junto do Pai
intercede por nós,
para que nos sentemos um dia
à mesa do banquete celeste.
Ámen.

HOMILIAS
NA SOLENIDADE
DA ASCENSÃO DO SENHOR

A – B – C

1994-2022

HOMILIA NA ASCENSÃO DO SENHOR C 2022

De olhos fitos no céu e de pés assentes no chão, perguntemo-nos, hoje, *quais são os grandes desafios, para os discípulos de Jesus, a partir da Ascensão?* Gostaria de partilhar e refletir convosco apenas dois: mudar o próprio olhar para ver com os olhos de Jesus e crescer na fé para amadurecer e frutificar na missão.

1. O desafio de mudar o próprio olhar para ver com os olhos de Jesus

Vede bem: os discípulos estão a olhar para o céu, como quem está à espera que chova, à espera de alguma coisa que lhes caia do céu! Dois homens vestidos de branco reorientam o seu olhar fito e nubloso: *“Homens da Galileia, porque estais a olhar para o Céu! Esse Jesus que, do meio de vós, foi elevado para o céu, virá do mesmo modo que O vistes ir para o céu”*. A fé em Jesus não é apenas olhar para Jesus. É aprender a olhar com os olhos de Jesus, a olhar com um olhar livre e libertador, que fita os olhos em cada pessoa, no seu nome, na sua história de vida, para lhe dar um significado único, uma esperança maior, um valor eterno. É preciso, pois, aprender a olhar o mundo, a olhar os sinais dos tempos novos, a olhar esta mudança de época, com os olhos de Jesus, com os olhos mansos da esperança, com os olhos compassivos de quem vê o melhor de cada pessoa, de quem vê o dom do momento presente, de quem percebe que o mundo antigo passou e é preciso sair ao encontro de quem não voltará mais. Ter fé em Jesus é nada mais do que dizer a Jesus: *«Tu és a luz dos meus olhos»*. E, neste sentido, podemos olhar como Jesus, para esta sensação de vazio, em que nos deixam, por exemplo, as nossas Igrejas meio-vazias depois da pandemia. Com o olhar de Jesus podemos perceber aí o desafio e a necessidade de sair, de propor, de facilitar e proporcionar cada vez mais a beleza e a graça do encontro pessoal com Cristo, a tantos homens e mulheres que não virão mais à nossa procura, se não lhes oferecermos uma palavra de sentido, uma experiência de graça, uma

oportunidade de encontro. Esta crise das nossas Igrejas meio-vazias, é uma chance, uma oportunidade de mudança na nossa maneira de sermos cristãos, de vivermos a nossa missão pessoal e comunitária: não podemos mais ficar à espera do adulto, na esperança de ele voltar um dia, quando tropeçar desfalecer ou precisar de ajuda. Não. É preciso propor e proporcionar a descoberta e o encontro pessoal com Jesus e o Seu Evangelho, àqueles que se cruzam todos os dias na soleira da nossa vida ou da nossa Paróquia. Que o rosto de Cristo se torne visível para eles na luz do nosso olhar.

2. O desafio de crescer na fé e amadurecer para frutificar na missão

Os discípulos talvez preferissem permanecer jovens seguidores de Jesus e assim continuar tudo como dantes. Talvez nem quisessem crescer na fé e assumir responsabilidades, compromissos, enfrentar desafios e dificuldades. Mas, ao ver partir Jesus, eles percebem uma mudança de época: deixaram de ser crianças, não podem ser eternamente jovens discípulos. Lembro-me de uma frase de um antigo bispo do Porto a um padre que perdera a sua mãe: *“agora é que o senhor deixou de ser menino”*. Agora é o tempo, para os discípulos, de se tornarem adultos na fé e de investirem na fé dos adultos, de fazer cristãos capazes de assumir, com alegria e entusiasmo, o risco da missão. Hoje sabemos, pelas igrejas meio-vazias, que há uma crise de maturidade e de fé em muitos adultos, que vivem na ilusão da eterna juventude e, que, por isso, tal como *Peter Pan*, não crescem nem fazem crescer, não amadurecem no desejo do amor, são incapazes de compromissos, de sacrifícios, de relacionamento com os outros, apostando tudo no seu «eu», na sua imagem, no seu prazer individual. Vivem como se não houvesse mais nada além de si nem acima de si mesmas. Precisamos então de crescer juntos e fazer crescer tanto no desejo das coisas do alto, como no cuidado e na responsabilidade pelas coisas da terra.

Irmãos e irmãs: voltemos, pois, com grande alegria a Jerusalém e à Galileia, ao Templo do encontro com o Senhor e à nossa missão de serviço ao próximo, para transformarmos a nossa Terra à imagem do Céu.

HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR B 2021

1. Um **novo normal!** A expressão tornou-se banal, a propósito dos efeitos da pandemia. Muita coisa mudou e o nosso modo de viver tem de se reinventar. Eis uma situação algo semelhante à dos discípulos, desde a Ascensão do Senhor. Estavam habituados a ter o Mestre ali por perto e a ser apenas aprendizes. De repente, o Mestre já não está à mesa... e eles próprios são chamados a sair à rua, a ensinar, a deixar a marca de Jesus. De repente, aquele Jesus, que ali estava à *mão de semear*, para um conselho, para uma ajuda, para um consolo, parece *evaporar-se* e eles ficam a olhar para o céu como se a terra lhes escapasse debaixo dos pés. A própria imagem de Jesus é escondida, a seus olhos, pela *nuvem do não saber*. De repente, têm de aprender que a proximidade pessoal de Jesus se distancia a seus olhos e que, doravante, Ele Se comunica, não fisicamente, mas pelos fios de uma rede de comunhão tecida entre eles. De repente, eles percebem que chegou a hora de se chegarem à frente, de irem adiante, de voltarem à Galileia e daí mesmo saírem e partirem em missão. De repente, são enviados em missão, ao encontro de todos os corações, sem ficar confinados aos recintos sagrados do Templo.

2. Com a pandemia, estamos todos perante o desafio de um **novo normal**: os nossos hábitos, as nossas seguranças, as nossas certezas, as nossas prioridades, os nossos estilos de vida são postos em causa e temos de aceitar viver com menos liberdades e porventura mais livres do acessório, com mais perguntas do que respostas, mais ligados por um fio solidário do que isolados nos nossos interesses. Não sabemos bem quando tudo isto acabará e se acabará, nem a direção que o futuro tomará, mas já percebemos que nada será como dantes.

3. Ninguém sairá igual ou ileso desta crise: ou sairemos melhores ou piores. Melhores, se não cairmos na tentação de voltar ao mesmo, ignorando que afinal antes não estávamos tão bem quanto nos parecia; melhores, se encontrarmos

uma nova saída, por novos caminhos; melhores se, com as dificuldades, crescermos em humanidade, em proximidade, em humildade, em resiliência; melhores se não nos resignarmos e não procurarmos apenas adaptarmo-nos às circunstâncias; melhores se nos deixarmos tocar, sacudir e transformar pela vida dos outros. Para sairmos melhores desta crise, teremos de nos descentrar, de nos transcender, isto é, de sair de nós mesmos, da nossa *cultura selfie*, que tem o espelho no umbigo, para ir e sair ao encontro dos outros: “*olhar os olhos, os rostos, as mãos e as necessidades daqueles que nos rodeiam e assim também poder descobrir os nossos rostos e as nossas mãos cheias de possibilidades*” (PAPA FRANCISCO, *Sonhemos juntos*, 146-147). Mas há o risco real de sairmos bem piores desta crise. Piores, se nos fecharmos cobardemente no porão da barca, se tentarmos fugir à tempestade por entre os pingos da chuva, se nos limitarmos a andar à roda de nós mesmos, em circuitos fechados, no labirinto dos nossos interesses pessoais.

3. Somos nós hoje os *homens da Galileia*, que não podem ficar imobilizados pela nuvem da incerteza, da surpresa e da novidade. Somos desafiados a sair de nós próprios, a *gastar a sola dos sapatos*, a ir aonde ninguém vai, para ver a realidade com os próprios olhos, para tocarmos e nos deixarmos tocar por essa realidade e arregaçarmos as mãos, sempre prontos a fazer o que é preciso. Este é o tempo de agir. Deixa, por isso, que te diga, em discurso direto: “*Faz um telefonema, vai visitar alguém, oferece o teu serviço. Diz que não tens a mínima ideia do que fazer, mas que talvez possas ajudar. Diz que gostarias de dar uma ajuda para seres parte de um mundo diferente e que pensaste que esse poderia ser um bom lugar para começar*” (PAPA FRANCISCO, *Sonhemos juntos*, 147). São José, o homem dos sonhos, descentrado de si mesmo, sempre pronto a partir e a fazer o que Senhor Ihe pedia, nos ensine então a sonhar juntos o caminho para um futuro melhor, a sair de nós mesmos ao encontro dos outros, para vermos com os próprios olhos a

realidade e enfrentarmos com coragem criativa os desafios deste **novo normal**,
para que se torne normal sermos *homens novos*!

HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR A 2020

1. Começamos a *desconfinar*... e logo a desconfiar que nada será como dantes. Abrem-se algumas portas, que nos convidam a retomar, com cautela, a nossa vida comunitária habitual. Mas também nos dizem que precisamos de nos adaptar a um **“novo normal”**. Respeitar o distanciamento social, usar máscara e desinfetar as mãos... são hoje os mandamentos principais do amor a si mesmo e ao próximo. E esta proximidade, num mundo global, é cada vez mais digital do que artesanal. A nossa casa tornou-se não apenas um lugar a habitar, mas também local de estudo e de trabalho à distância, espaço para a catequese e templo de uma liturgia mais familiar. A pandemia acelerou e precipitou algumas mudanças, que muito a custo íamos fazendo. Mas, de repente, este é o nosso **“novo normal”** e há que recomeçar, não para voltar ao mesmo, mas para enfrentar com ousadia criativa um futuro que não se compagina com programas de longo ou médio prazo.

2. Penso neste desafio do **“novo normal”** como uma experiência crítica difícil, semelhante à dos onze Apóstolos, no dia da Ascensão. Estavam habituados a ter o Mestre ali por perto e a ser apenas aprendizes. De repente, o Mestre já não está à mesa... e eles próprios são chamados a sair à rua, a ensinar, a deixar a marca de Jesus, sem deixar de ser seus discípulos. De repente, aquele Jesus, que ali estava sempre *à mão de semear*, para um conselho, para uma ajuda, para um consolo, parece *“evaporar-se”* e eles ficam a olhar para o céu como se a terra lhes escapasse debaixo dos pés. De repente, têm de aprender que a proximidade pessoal de Jesus se distancia a seus olhos e que, doravante, Ele Se comunica, não fisicamente, mas pelos fios de uma rede de comunhão tecida entre eles. De repente, eles percebem que chegou a hora de se chegarem à frente, de irem adiante, de voltarem à Galileia e daí mesmo partirem em missão. De repente, são enviados em missão, por todas as nações, ao encontro de todos os corações, sem ficarem confinados aos recintos sagrados do Templo de Jerusalém.

3. Para nós, cristãos, e para as nossas comunidades, aproxima-se o dia do regresso gradual às celebrações, com a participação do Povo, nos dias 30 e 31! Também para nós se apresenta o desafio de um “**novo normal**”, na nossa vida cristã e na nossa vida pastoral. E eu resumiria os desafios deste novo normal em três palavras:

3.1. Uma Igreja mais laical do que clerical. Numa Igreja em que todos os batizados são discípulos missionários, as famílias tornam-se Igrejas domésticas e os cristãos transformam o mundo com o fermento do Evangelho e o seu testemunho pessoal. Assumamos, então, a missão da família como Igreja doméstica; valorizemos o papel e os ministérios dos leigos, de modo que os frutos da missão dependam mais da ação e do testemunho da maioria dos fiéis, do que da omnipresença ou da competência dos seus poucos padres.

3.2. Uma Igreja mais “hospital de campanha” do que “central de serviços religiosos”. Mais do que pregar uma moral, a Igreja, que somos todos nós, é chamada a curar os feridos e as feridas desta vida, a amar e a caminhar com os pobres, a ir ao encontro dos que ficam para trás. E, deste modo, evangelizará, porque deixará Deus falar, pelo testemunho do próprio amor.

3.3. Uma Igreja mais em rede digital do que confinada no seu mundo paroquial. A Igreja, que somos todos nós, precisa de aprender a nova língua digital, de criar links com o exterior, de tecer novas relações de vizinhança com os mais distantes, de partilhar a Boa Nova pelas redes sociais e de transformar o próprio ambiente digital à luz do Evangelho. Só assim estaremos todos *onlife* com Cristo e com os irmãos, na Galileia dos pagãos.

Querida Paróquia [de Nossa Senhora da Hora]: a imagem da tua Igreja vazia, nestes onze domingos, deixa uma mensagem que deves escutar: «*Procura-te a ti mesma e encontra-te a ti mesma... fora de ti mesma*». Este é o novo normal da comunidade cristã, desde aquele *desconfinamento*, iniciado no monte da

Ascensão, até à abertura de todas as portas, para a missão, no tão esperado dia de Pentecostes.

HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR C 2019

1. *“Uma nuvem escondeu-O a seus olhos”* (At 1,9). Jesus foi elevado ao Céu, mas *“a Sua vida não está suspensa nas nuvens, à espera de ser descarregada”* (CV 252)! Pelo contrário, as Suas mãos, erguidas para nos abençoar, continuam a cuidar de nós e a agir através de nós. E os Seus pés, que se elevam da Terra que pisamos, guiam agora os nossos passos, em direção ao Céu, na senda d’Aquele mesmo Jesus, que passou entre nós fazendo o bem. Embora Jesus esteja lá, junto do Pai, permanece aqui conosco e intercede por nós. E nós, embora estejamos aqui, podemos desde já viver com Ele lá, porque a nossa vida está escondida com Cristo em Deus. Na verdade, Jesus não Se afastou do Céu, da presença de Deus, quando veio até nós. E não Se afasta de nós ao ser exaltado pelo Pai. Jesus, elevado aos céus, não abandona os Seus! *“Ele enche tudo com a sua presença invisível e, onde quer que tu vás, Ele estará à tua espera, porque Ele veio, vem e continuará a vir em cada dia, para te convidar a caminhar até um horizonte novo”* (CV 125), que tem o Céu como limite.

2. Na Ascensão do Senhor, Jesus faz dom a toda a humanidade, de todos os tempos, da Sua presença pessoal, íntima e real. Ele comunica conosco, não através de satélite ou de uma qualquer rede digital ou social, mas através do Espírito Santo, *“a força do alto”*, que tece uma verdadeira rede de relações, de proximidade e de comunhão entre todos os membros do Seu Corpo, que é a Igreja. *“A própria Igreja é uma rede tecida pela Comunhão Eucarística, onde a união não se baseia nos gostos [«like»], mas na verdade, no «ámen» com que cada um adere ao Corpo de Cristo, acolhendo os outros”* (Papa Francisco, MDMCS 2019).

3. Por isso, esta presença nova de Jesus coloca-nos o desafio de promover uma rede de relações de proximidade com todos aqueles que, por causa da distância física, *“se escondem a nossos olhos”*. Neste Dia Mundial das Comunicações Sociais, o Papa desafia-nos a fazer das redes sociais, não uma teia de aranha, que nos pode

capturar, mas uma rede de ligação, de pertença, de partilha, de comunhão, que alargue, intensifique e multiplique as relações pessoais.

4. O mundo virtual pode tornar-se um *território de solidão* quando nos faz cair no “autismo tecnológico” (AL 278) e nos transforma em “eremitas sociais”, isto é, em pessoas isoladas, apáticas ou manipuladas, desligadas do real, pessoas dependentes, “sempre ligadas às máquinas”. Pelo contrário, a comunicação, pelas redes sociais, é um bom recurso, para as pessoas, famílias e comunidades quando nos liga e nos aproxima de quem está longe, sem nos afastar de quem está perto. Face à tentação, tão atual, de promover “relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por ecrãs e sistemas que se podem ligar e desligar à vontade, o Evangelho convida-nos a abraçar sempre o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela” (EG 88). O mundo digital não nos dispensa do encontro pessoal, através do contacto, em carne e osso, da luz do olhar, do pulsar do coração, do cheiro da respiração, da carícia das mãos do outro.

5. Concretizemos o que estamos a dizer: “Se a rede for usada como prolongamento ou na expectativa de tal encontro, então não se traiçoa a si mesma e permanece um recurso para a comunhão. Se uma família utiliza a rede para estar mais conectada, para depois se encontrar à mesa e olhar-se olhos nos olhos, então é um recurso. Se uma comunidade paroquial coordena a sua atividade através da rede, para depois celebrar junta a Eucaristia, então é um recurso. Se a rede é uma oportunidade para me aproximar de experiências de bondade ou de sofrimento distantes fisicamente de mim, para rezar juntos e, juntos, buscar o bem, então é um recurso. Esta é a rede que queremos: uma rede feita, não para capturar, mas para libertar, para preservar uma comunhão de pessoas livres” (Papa Francisco, MDMCS 2019).

HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR C 2019 – MISSA DAS 19H00

1. *“Uma nuvem escondeu-O a seus olhos”* (At 1,9). Jesus foi elevado ao Céu, mas *“a Sua vida não está suspensa nas nuvens, no disco virtual – à espera de ser descarregada”* (CV 252)! Pelo contrário, as Suas mãos, erguidas para nos abençoar, continuam a cuidar de nós e a agir através de nós. E os Seus pés, que se elevam da Terra que pisamos, guiam agora os nossos passos, em direção ao Céu, na senda d’Aquele mesmo Jesus, que passou entre nós fazendo o bem. Embora Jesus esteja lá, junto do Pai, permanece aqui connosco e intercede por nós. E nós, embora estejamos aqui, podemos desde já viver com Ele lá, porque a nossa vida está escondida com Cristo em Deus. Na verdade, Jesus não Se afastou do Céu, da presença de Deus, quando veio até nós. E não Se afasta de nós ao ser exaltado pelo Pai. Jesus, elevado aos céus, não abandona os Seus! *“Ele enche tudo com a sua presença invisível e, onde quer que tu vás, Ele estará à tua espera, porque Ele veio, vem e continuará a vir em cada dia, para te convidar a caminhar até um horizonte novo”* (CV 125), que tem o Céu como limite.

2. Na Ascensão do Senhor, Jesus faz dom a toda a humanidade, de todos os tempos, da Sua presença pessoal, íntima e real. Ele comunica connosco, não através de satélite ou de uma qualquer rede digital ou social, mas através do Espírito Santo, *“a força do alto”*, que tece uma verdadeira rede de relações, de proximidade e de comunhão entre todos os membros do Seu Corpo, que é a Igreja. *“A própria Igreja é uma rede tecida pela Comunhão Eucarística, onde a união não se baseia nos gostos [«like»], mas na verdade, no «ámen» com que cada um adere ao Corpo de Cristo, acolhendo os outros”* (Papa Francisco, MD MCS 2019).

3. Por isso, esta presença nova de Jesus coloca-nos o desafio de promover uma rede de relações de proximidade com todos aqueles que, por causa da distância física, *“se escondem a nossos olhos”*. Neste Dia Mundial das Comunicações Sociais, o Papa desafia-nos a fazer das redes sociais, não uma teia de aranha, que nos pode

capturar, mas uma rede de ligação, de pertença, de partilha, de comunhão, que alargue, intensifique e multiplique as relações pessoais.

4. O mundo virtual pode tornar-se um *território de solidão* quando nos faz cair no “autismo tecnológico” (AL 278) e nos transforma em “eremitas sociais”, isto é, em pessoas isoladas, apáticas ou manipuladas, desligadas do real, pessoas dependentes, “sempre ligadas às máquinas”. Pelo contrário, a comunicação, pelas redes sociais, é um bom recurso, para as pessoas, famílias e comunidades, quando nos liga e nos aproxima de quem está longe, sem nos afastar de quem está perto.

5. Face à tentação, tão atual, de promover “relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por ecrãs e sistemas que se podem ligar e desligar à vontade, o Evangelho convida-nos a abraçar sempre o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e as suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG 88). Por isso, o mundo digital não nos dispensa do encontro pessoal, através do contacto, em carne e osso, da luz do olhar, do pulsar do coração, do cheiro da respiração, da carícia das mãos do outro.

6. E nós, ao concluir a celebração das festas em honra da nossa Padroeira, pensamos em Maria, a jovem de Nazaré. Ela não aparecia nas «redes sociais» de então. Ela não era uma «influenciadora» (*influencer*, em sentido digital) mas, sem querer procurá-lo, tornou-se a mulher que maior influência teve na história. E poderíamos, com confiança de filhos, defini-l’A: “Maria, a influenciadora [às ordens] de Deus. Com poucas palavras, Maria teve a coragem de dizer «sim», confiando no amor, confiando nas promessas de Deus, que é a única força capaz de renovar, de fazer novas todas as coisas” (Papa Francisco, *Discurso aos jovens*, Panamá,

26.01.2019)! Agora, “sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. N’Ela vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentir importantes” (EG 288). Por isso, também Maria nos desafia a fazer da rede social, não uma vitrina onde se exhibe o próprio narcisismo ou onde se alimentam ódios e preconceitos, mas uma janela aberta para o mundo, onde podemos exercer a influência de Deus, numa vida em saída, ao encontro dos outros.

7. Na verdade, sejamos concretos: “Se a rede for usada como prolongamento ou na expectativa de tal encontro, então não se atraiçoa a si mesma e permanece um recurso para a comunhão. Se uma família utiliza a rede para estar mais conectada, para depois se encontrar à mesa e olhar-se olhos nos olhos, então é um recurso. Se uma comunidade paroquial coordena a sua atividade através da rede, para depois celebrar junta a Eucaristia, então é um recurso. Se a rede é uma oportunidade para me aproximar de experiências de bondade ou de sofrimento distantes fisicamente de mim, para rezar juntos e, juntos, buscar o bem, então é um recurso. Esta é a rede que queremos: uma rede feita, não para capturar, mas para libertar, para preservar uma comunhão de pessoas livres” (Papa Francisco, MDMCS 2019)! Como Maria, sempre online com Deus. Ela disse um “Ámen”, um “Sim” a Deus, que se repete todos os dias num “like”, que abre caminho ao diálogo, ao encontro, ao sorriso e ao carinho! O «sim» e o desejo de servir foram mais fortes do que as dúvidas e dificuldades.

Seja assim o nosso «sim» ... como o de Maria. Ámen.

Homilia na Ascensão C 2019 | Missa com a Catequese

Celebramos hoje a Ascensão do Senhor. O Evangelho diz que Jesus foi elevado ao céu, para nos dizer que Jesus é reconhecido pelo Pai, por causa de toda a Sua obra de amor por nós. O Pai senta Jesus à sua direita. Quer dizer, o Pai e o Filho partilham o mesmo amoroso poderoso, o mesmo olhar de amor por nós. Fixemo-nos brevemente em três pormenores:

Primeiro pormenor: *Jesus é elevado ao céu, enquanto abençoava os seus discípulos, erguendo as mãos ao Pai.* Jesus parte, mas as suas mãos continuam a agir, a colaborar connosco. Ele está junto do Pai, com as suas mãos erguidas, a rezar por nós. Não abandonou o Pai quando veio à terra. Não nos abandona a nós, quando parte para o Pai!

Segundo pormenor: os dois mensageiros deixam um aviso aos discípulos: “*podeis olhar o céu*” mas “*não podeis ficar a olhar para o céu*”. É preciso ter o coração no céu e os pés bem assentes na terra. É aqui na Terra, que começamos a preparar o céu. Dito de outro modo: *não existe no mundo só a força de gravidade que nos atira para baixo, para o chão, mas há também uma força de gravidade que nos leva e eleva para o alto, que nos faz erguidos, que faz verticais as árvores, as flores, e que nos mantém de pé, isto é, vivos e ressuscitado.* Na Ascensão, Jesus é elevado e eleva-nos com Ele.

Terceiro pormenor: Os discípulos veem Jesus partir e sentem uma grande alegria. Parece estranho. Afinal aquela presença física do Amigo desaparece a seus olhos. Mas os discípulos sabem que Jesus continua no meio deles. Eles sabem que o Pai e o Filho não estão distantes de nós. Envia-nos o Espírito Santo, o eterno Amor que Os une. E, graças ao Espírito Santo, o Pai e o Filho continuam a caminhar no meio de nós! Ora, esta presença nova de Jesus, que de longe se faz perto, coloca-nos o desafio de promover uma rede de relações de proximidade com todos aqueles que, por causa da distância física, “*se escondem a nossos olhos*”.

Neste *Dia Mundial das Comunicações Sociais*, o Papa desafia-nos a fazer das redes sociais, da internet em geral, não uma *teia de aranha*, que nos pode capturar, mas uma rede de ligação, de proximidade, de pertença, de partilha, de comunhão, que alargue, intensifique e multiplique as nossas relações pessoais. A ascensão de Jesus vem ensinar-nos que devemos estar perto de quem está longe, mas não podemos deixar de estar perto de quem está ao nosso lado, senão continuamos nas nuvens. Não é aí nosso lugar. A posição do cristão é pés na terra e corações ao alto.

LITURGIA E HOMILIA NA ASCENSÃO DO SENHOR B

12 e 13 de maio de 2018

1. Desde o primeiro domingo da Páscoa, e já lá vão 40 dias, temos vindo a subir, degrau a degrau, pela escada da Cruz, pois *“fora da Cruz não há outra escada por onde se suba ao céu”* (Santa Rosa de Lima; cf. CIC, n.º 618). Na verdade, a Cruz é, ao mesmo tempo, a escada por onde Jesus desce do Céu à Terra e pela qual Ele ascende do abismo da morte à glória do Céu. Jesus desceu do Céu, isto é, saiu do mais íntimo do coração de Deus, assumiu a nossa inteira humanidade, humilhando-Se até à morte e morte de Cruz. Por isso, e porque desceu até nós, Deus O exaltou, elevando-O até junto d’Ele. Mas agora, com uma diferença: se ao descer a este mundo, Jesus trouxe Deus à nossa humanidade, agora, ao subir para o Pai, Jesus leva e eleva com Ele a nossa pobre humanidade, que assim chega ao coração de Deus. Eis então a beleza da Ascensão: Deus no homem e o homem em Deus. Dito de outro modo, Jesus, na sua humanidade glorificada pela ressurreição, atravessou o limiar do Céu e, uma vez elevado ao Céu, leva e eleva com Ele a nossa carne humana: a nossa humanidade está lá, está em Deus, para sempre. Por isso, a Ascensão é realmente *“a festa da nossa esperança: tendo-nos precedido na glória como nossa Cabeça, para aí [Jesus] nos [atrai e] chama como membros do seu Corpo”* (cf. Oração coleta). Doravante, já o sabemos: Deus nunca Se cansará de nós e da nossa atribulada subida até Ele. O seu amor tudo espera!

2. *“O amor tudo espera”* (1 Cor 13,7)! Este é o atributo do amor que colocamos esta semana no penúltimo degrau da escada da Cruz, como programa de vida familiar. À luz do mistério da Ascensão do Senhor, nós aprendemos a não desistir nem a desesperar do lento caminho de cada pessoa, no seu processo de transformação, de superação e elevação. Quem ama, acalenta sempre a esperança de que o outro possa vir a ser melhor, vive a esperança de que, no outro, possa vir a florir algo de novo e de mais belo. Isso não significa que, nesta vida, tudo vai mudar; o amor que

tudo espera sabe dar tempo ao tempo, aceita humildemente que nem tudo acontecerá como se deseja, mas vive desta esperança: *Deus escreve direito por linhas tortas e sabe tirar algum bem dos males que não se conseguem vencer nesta terra*. Aqui nos aparece a esperança, no seu sentido pleno, porque inclui a certeza de uma vida para além da morte. Aquela pessoa, com todas as suas fraquezas, mesmo assim, é chamada à plenitude do Céu: lá, quando ela estiver completamente transformada pela ressurreição de Cristo, deixará de ter as suas fraquezas, os seus defeitos, o seu lado negro, as suas patologias; lá, o verdadeiro ser daquela pessoa resplandecerá em toda a sua potência de bem e de beleza (cf. AL 116-117). A Ascensão revela-nos, em toda a sua beleza e grandeza, esta altíssima vocação de cada pessoa humana, chamada à vida eterna e plena no Reino de Deus. Está assim, dito ao Homem, que ele deve viver para as alturas de Deus.

3. Mas nós celebramos este domingo, em pleno mês de maio, e nestes dias 12 e 13, que avivam em nós a experiência da presença materna de Maria. Entre a Páscoa e o Pentecostes, Maria é a Mãe da Esperança, no meio daquela comunidade de discípulos tão frágeis, em que um negou, muitos fugiram e todos sentiram medo (cf. At 1,14). Mas Maria simplesmente estava lá, na primeira Igreja, envolvida pela luz da Ressurreição, mas também pelos tremores dos primeiros passos, que devia dar no mundo. Por isso, todos nós A amamos como Mãe. Não somos órfãos: “*temos Mãe, temos Mãe*” (recordou-nos há um ano o Papa Francisco). Ela ensina-nos a virtude da esperança, quando tudo parece sem sentido! Maria permanece confiante no mistério de Deus, mesmo quando Ele parece desaparecer por culpa do mal do mundo. Juntamente com Jesus, Maria acompanha-nos. Ela já está na casa do Pai, é a Rainha do Céu e assim A invocamos neste tempo. Com Jesus e como Jesus, Ela está connosco, caminha connosco! Em todas as horas, Ela mostra que é nossa Mãe. Que Maria, a Mãe da Esperança, nos ajude a viver o “*amor que tudo espera*” (1 Cor 13,8), com os pés na terra, os olhos no irmão e o coração no Céu!

HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR A 2017

1. «*Eu estou convosco todos os dias, até ao fim dos tempos*» (Mt 28,20). Jesus é o Deus sempre presente, que caminha ao nosso lado e vai à nossa frente; não é um herói isolado, na sua coroa de glória! É o «*Emanuel*», o Deus connosco, que diz a cada um, de modo pessoal e único: “*Não tenhas medo, que Eu estou contigo*” (Is 43,5). Não é, por isso, um Deus ausente, distante, raptado ou arrebatado para um Céu longínquo; ao contrário, é um Deus apaixonado, incapaz de Se separar de nós. Na verdade, “*quando Jesus subiu ao Céu, levou para junto do Pai celeste a humanidade – esta nossa humanidade – que Ele tinha assumido no seio da Virgem Mãe, e nunca mais a largará*” (Papa Francisco, *Homilia*, 13.05.2017). Por isso, somos convidados a exultar em santa alegria, porque “*a ascensão de Cristo é a festa da nossa esperança: chegando à nossa frente, à glória do céu, como nossa Cabeça, para aí nos atrai como membros do Seu Corpo*” (cf. Oração coleta). “*Ele é como um chefe de grupo, quando se escala uma montanha, que chega ao cimo e nos puxa para junto de Si, conduzindo-nos para Deus*” (Papa Francisco, *Audiência*, 17.4.2013).

2. Jesus permanece então unido, colado a nós, e nós agarrados e atraídos por Ele ao Pai. Junto do Pai, Jesus intercede por nós! Por isso, ainda que dentro de nós ou à nossa volta, haja tantas *más notícias*, de sofrimento, de tristeza, de escuridão, que não podemos ignorar, mas que, por vezes, parecem arruinar a nossa esperança, a verdade é que continuamos a crer e a esperar, porque temos esta *boa notícia* estampada no rosto: o Senhor está connosco, não nos abandonou à desgraça, não nos deixou órfãos! Graças à ação do Seu Espírito Santo, ainda que nos pareça o contrário, perante o cenário de tanta destruição, a verdade é que “*o amor sempre conseguirá suscitar corações capazes de se comover, rostos capazes de não se abater, mãos prontas a construir. Nasce, assim, uma esperança acessível a todos, precisamente no lugar onde a vida conhece a amargura do fracasso*” [Papa Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS)*, 2017].

3. Ao longo do nosso caminho, esta promessa de Jesus «Eu estou convosco» (Mt 28,20), ou dito ainda de modo mais pessoal, «*Não tenhas medo, que Eu estou contigo*» (Is 43,5), leva-nos a estar de pé, erguidos, com esperança, convictos de que o bom Deus está sempre a agir a nosso favor e a transformar o *mal* num bem maior, a realizar aquilo que nos parece impossível. “*Na verdade, o fio, com que se tece toda a história sagrada (a da Bíblia e a nossa), é a esperança, e o seu tecedor só pode ser o Espírito Santo Consolador*” (Papa Francisco, MDMCS 2017). Que Ele nos ensine a comunicar a esperança e a confiança, no nosso tempo!

4. Foram-nos propostos, há dias, dois grandes comunicadores da esperança, uma esperança vivida, com os pés bem assentes na terra, mas com o coração voltado para o céu. Esta grande esperança foi-nos testemunhada e comunicada pelos pastorinhos de Fátima. “*Eles compreenderam e viveram a beleza do Céu, que o Anjo e Nossa Senhora lhes fizeram saborear, como plenitude do amor de Deus, que os fascinou*”. E assim mesmo “*creram, esperaram e amaram*”, rezaram e sofreram, sem medo algum de morrer, na esperança feliz do encontro luminoso, com Nosso Senhor e Nossa Senhora, lá no Céu. Como eles, não percamos do horizonte da nossa esperança o Céu, que não acaba aqui, mas aqui começa, onde Deus está, mesmo se escondido, como semente, em esperança. Levemos aos outros a Boa Nova, que é este Jesus, Deus connosco, até ao fim dos tempos, e tornemo-nos, como os Pastorinhos, candeias que alumiam, “*faróis que iluminam a rota e abrem novas sendas de confiança e esperança*” (Papa Francisco, MDMCS 2017) no nosso tempo!

5. Caminhemos, Povo de Deus, como peregrinos da esperança, a caminho do Céu, com Maria, nossa Mãe, pelas fontes da alegria! Nos momentos mais difíceis, Maria guia-nos na esperança, ampara os nossos passos e diz ao nosso coração: «*Levante-te! Olha em frente, olha mais para o céu*» (Papa Francisco, Audiência, 3.05.2017)! “*Não se perturbe o teu coração. Não estou aqui eu que sou tua Mãe?*” (EG 286).

HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR C 2016

1. “Corrigir os que erram” é a obra de misericórdia, a última a propor, ao concluirmos a caminhada diocesana, sob o lema «*Pratica a misericórdia com alegria*»! Ora, “corrigir os que erram”, e fazê-lo com alegria, não é coisa fácil! Pode-se cair na tentação de superioridade moral sobre o outro, ou de provocar grande tristeza, porque “*toda a correção no momento em que é recebida cai mal, mas depois produz um fruto de justiça*” (Heb 12,11). “Corrigir” significa, à letra “*dirigir em conjunto*”, aceitar a ajuda de quem caminha conosco. Se pecar é, literalmente, “*falhar o alvo*” da nossa humanidade, corrigir é ajudarmo-nos a reencontrarmos juntos o caminho. E o próprio caminho corrige o caminhante! É interessante, a este respeito, a correção, logo depois da ascensão: «*Porque estais a olhar para o céu*». Os Onze são desafiados a redirecionar o alvo do seu interesse, a cair das nuvens e assentar os pés na terra, para deitar mãos à obra, até à última vinda de Cristo, Salvador.

2. Mas há ainda uma correção, antes da ascensão: Jesus corrige a pressa e a curiosidade dos discípulos, quanto à hora da restauração definitiva do Reino de Israel. Dá-lhes a entender *que o tempo é superior ao espaço* e o que importa não é conquistar poder e territórios, mas progredir no testemunho da ressurreição. Somos senhores do momento, mas só o Pai é Senhor do tempo. É preciso, portanto, *dar tempo ao tempo*, deixar que Deus nos corrija, através da Sua Palavra, dos acontecimentos, das desilusões, dos sofrimentos da vida. “*Talvez Deus escreva direito por linhas tortas e saiba tirar algum bem dos males que não se conseguem vencer nesta terra*” (*Amoris Laetitia*, 116). E, por isso, não é da nossa conta o futuro. Mesmo na correção, em família, é preciso saber corrigir em tempo e modo oportunos, sabendo “*dar tempo ao tempo*”. “O outro - o marido, o filho, a esposa, o pai, o irmão, a sogra - *pode mudar; é possível um amadurecimento, um inesperado*

surto de beleza; é possível que as potencialidades mais recônditas do seu germinem algum dia” (cf. *Amoris Laetitia*, 116).

3. Irmãos: o próprio Jesus adverte-nos quanto ao dever de correção fraterna (cf. Mt.18,15), em que cada um se torna sentinela e guarda do seu irmão e, por isso, não pode deixá-lo precipitar-se no abismo, por respeito humano ou comodidade, ou sob pretexto de não se querer meter na vida do outro ou por medo de ganhar a inimizade da pessoa ou ainda por medo às suas reações. Todavia, para ser eficaz, esta correção deverá ser feita com humildade, começando por nós mesmos (cf. *Gl* 6,1), com amor, com discricção, mansidão, firmeza (*1 Ts* 1,13), sem aspereza (*1 Tm* 5,1), sem cólera (*Sl* 6,2), sem exasperar, nem humilhar quem é corrigido (*Ef* 6,4), tendo em conta a idade, as forças e os limites das pessoas (*Amoris Laetitia*, 269). É importante que a correção não apareça, como expressão da ira, da agressividade, mas sempre acompanhada de estímulos, de gestos e palavras de consolação. *Quem só corrige, não corrige!* Para ser obra de misericórdia, *há de ser sempre movida só pela misericórdia*. Por isso, a correção não é julgamento do outro, visto como inimigo, mas serviço de verdade e amor ao outro, querido como um irmão.

4. Estamos a celebrar a ascensão de Cristo, que é nossa esperança. Aqui *“aparece a esperança no seu sentido pleno, porque inclui a certeza de uma vida para além da morte. Aquela pessoa, com todas as suas fraquezas, é chamada à plenitude do Céu: lá, completamente transformada pela ressurreição de Cristo, acabarão as suas fraquezas, trevas e patologias; lá, o verdadeiro ser daquela pessoa resplandecerá com toda a sua potência de bem e beleza. Isto permite-nos, no meio das moléstias desta terra, contemplar aquela pessoa com um olhar sobrenatural, à luz da esperança, e aguardar aquela plenitude que, embora hoje não seja visível, há de receber um dia no Reino celeste”* (*Amoris Laetitia*, 117). Por isso, quem corrige, com misericórdia, não desespera do outro nem do futuro! Procura apenas fazer da terra caminho conjunto na direção do Céu.

HOMILIA NA ASCENSÃO DO SENHOR B 2015

«*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura*» (Mt.16,15)!

«**Ide**!» Esta é a palavra-chave, na Ascensão do Senhor! Jesus parte para ficar. E nós ficamos para ir e partir! Esta é, de facto, a nossa hora! Esta é agora a nossa vez. **1.** Sim. *Jesus parte para ficar no meio de nós!* A ascensão não é uma desapareição, porque Ele está e permanece connosco, até ao fim dos tempos. Está e permanece presente e ativo, nas vicissitudes da história humana, com o seu poder e com os dons do seu Espírito Santo. O Senhor está ao lado de cada um de nós, está connosco! Acompanha-nos, guia-nos, toma-nos pela mão e ergue-nos quando caímos. Jesus, elevado ao Céu, está próximo de cada homem e mulher, que sofre! Faz-se presença real e substancial, nesta Eucaristia, em que nos reúne.

2. De facto, nós não substituímos Jesus, nem estamos aqui a “fazer as suas vezes”, como se estivéssemos órfãos a fazer memória, de um ausente notável. Não. Nem sequer eu, padre, estou aqui a fazer as vezes de Jesus. Apenas O “represento”, no melhor sentido da palavra: “torno-O presente”. A verdade é que Jesus está connosco, coopera, isto é, faz connosco o que nós não podemos fazer sem Ele. Somos, no mundo, apenas sinais e instrumentos da sua presença. Mas em tudo e sempre é Ele o autor, que realiza a sua obra, connosco, por meio de nós. E nós só podemos realizá-la, na medida em que contamos com Ele. Na obra apostólica, só as nossas forças, os nossos recursos, as nossas estruturas não são suficientes. Sem a presença do Senhor, e sem a força do seu Espírito, o nosso trabalho, mesmo se bem organizado, não tem sucesso. Mas quando coopera connosco, tudo o que fizermos será bem-sucedido (Sal.1,3).

3. «Ide»! Depois da Ascensão, a nossa condição de discípulos é, ao mesmo tempo, a de missionários: *«Ide e pregai o evangelho a toda a criatura»*. É um mandamento claro, não é facultativo! E *“hoje todos somos chamados a sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”* (EG 20). Ligado a este «ide» está, pois, o desafio concreto: *“pregai a toda a criatura”*, isto é, levai a alegria do evangelho, no vosso testemunho, às pessoas, com quem vos encontrais. Dedicai-vos à *“pregação informal, que se pode realizar durante uma conversa; espontaneamente, em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho”* (EG 120)! Ousai um pouco mais!

4. Caríssimos irmãos e irmãs: Nestes dias em honra de Nossa Senhora, juntamente com Jesus, acompanha-nos sempre Maria, nossa Mãe. Tal como Jesus, junto do Pai, Maria, unida a Seu Filho, na glória do céu, permanece connosco, caminha connosco e vai à nossa frente, como o fez junto dos apóstolos, depois da Páscoa e entre a Ascensão e o Pentecostes. Maria está sempre à nossa frente, vai adiante da Igreja, como auxílio dos cristãos, como exemplo do caminho a percorrer. Ela é a primeira discípula do Filho, a segui-l’O, e é a primeira missionária da Igreja, a oferecê-l’O, a levá-l’O e a anunciá-l’O aos outros. Ela vai à frente de todos, até mesmo dos apóstolos, no caminho rumo à santidade. Mesmo sem receber nem pretender o poder dos apóstolos, ela é mais importante do que eles; a sua fé veio primeiro e foi mais longe do que a deles, a sua missão materna de gerar e oferecer Jesus ao mundo tornou-se modelar para eles. Por isso, também agora Maria vai à nossa frente. Ela *“precede-nos com o seu exemplo, anima-nos com o seu amor e ama-nos com a sua contínua intercessão, para que anunciemos Cristo Salvador a todos os Povos”* (cf. Prefácio das Missas de Nossa Senhora, 18).

5. Nesta hora da missão, soa o apelo de Jesus: «ide e pregai o evangelho a toda a criatura». E ressoa a voz materna de Maria, a dizer-nos ao coração: *“Não tenhais*

medo. Não estou Eu aqui, que sou Vossa mãe»? Esta é a vossa Hora! «Fazei tudo o que o meu Filho vos disser» (cf. Jo.2,5), «para que vades e deis fruto» (Jo.15,16)»!

Missas Vespertinas – Sábado, 16h30-19h00

1. Estamos a celebrar a Festa da Palavra, neste domingo da Ascensão do Senhor. De algum modo, este último acontecimento da vida de Jesus marca não só a hora de Jesus partir deste mundo para o Pai, levando-nos e elevando-nos com Ele. Mas marca igualmente a hora de nós partirmos “*ide e ensinai...*”. Dito, de modo simples, Jesus parte, para ficar no meio de nós e por meio de nós. E nós ficamos para partir, para sair e pregar a sua Boa Nova, com Ele e por meio d’Ele!

2. Mas, neste Domingo, e neste mês de maio, nós recordamos uma companhia muito especial, na vida de Jesus e na vida da Igreja. Maria. Ela está ligada à hora de Jesus, a todas as suas horas, mas, de modo especial, à hora da sua glorificação, em que Jesus é elevado, precisamente quando é levantado na Cruz, morto e ressuscitado. Também nas primeiras horas da vida da Igreja, os discípulos contaram sempre com a presença da Mãe de Jesus, com o seu exemplo e proteção. Naquela mesma sala de cima, onde Jesus celebrou a Ceia e se manifestou vivo aos discípulos «*e estava à mesa a conversar com eles*», também aí se encontrava Maria, entre outras mulheres (cf. At.1,14), em oração e em união com os apóstolos.

3. Por isso, Maria é para nós, como foi para os discípulos, a verdadeira imagem de uma Casa, habitada pela Palavra de Deus. Desde o princípio dos evangelhos, vemos claramente que Maria foi aquela que verdadeiramente abriu e escancarou a porta do seu coração à Palavra de Deus! Ela mesmo respondeu e correspondeu à Palavra de Deus dizendo: «*Faça-se em Mim, segundo a Tua Palavra*” (Lc.2,38). Maria era um coração todo puro, onde a Palavra de Deus estava como que “*em sua casa*”. Na medida em que Maria pensava com as palavras de Deus, falava com as

palavras de Deus, também os seus pensamentos eram os pensamentos de Deus! Da boca de Maria, só saíam palavras sábias, palavras boas, palavras da Palavra de Deus, palavras que ela meditava e guardava em seu coração! Maria vivia da palavra de Deus, estava imbuída da palavra de Deus, era inundada pela Palavra de Deus. Por isso, um dia, Jesus fez o maior elogio da Mãe, quando disse a seu respeito: *«Felizes os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática»* (Lc.11,28).

4. O facto de Maria viver imersa na palavra de Deus e esta palavra lhe ser totalmente familiar, dá-lhe também uma luz interior de sabedoria. Na verdade, quem pensa com Deus, pensa bem; e quem fala com as palavras de Deus fala bem. Quem conhece a palavra de Deus tem critérios de juízo válidos, para todas as coisas do mundo. Torna-se sábio, prudente, e constrói a casa da vida sobre a rocha, que é Cristo!

5. Queridos meninos, queridos pais: Nesta hora, Maria fala-nos e convida-nos a conhecer a Palavra de Deus, a amar a Palavra de Deus, a pensar com a Palavra de Deus, a falar com a Palavra de Deus, a viver a Palavra de Deus. Só deste modo, com Maria, e como Maria, é que cada um, em sua família e na Igreja, se tornará *Casa da Palavra!* Em Maria cumpriu-se, de modo único, aquele desejo e aquela promessa que Jesus nos fez um dia: *«Se alguém me tem amor, há- de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada»* (Jo.14,23).

HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR A 2014

Missa das 10h30

1. Ide. Domingo a Domingo, percorremos esta estrada que circula entre a missa e a missão! O encontro com Cristo não pode ficar trancado na nossa vida, ou reduzido ao pequeno grupo da paróquia. Seria como cortar o oxigênio, a uma chama que arde! Por isso, Jesus chama-nos a ir, a sair, a partir em missão. E não nos diz, à cautela, “*se quiserem, se tiverem tempo, vão*”. Não. Ele diz-nos: «*Ide e fazei discípulos entre todas as nações*». É uma ordem. E Ele, não somente nos envia, mas vai à nossa frente, “primeireira-nos”, isto é, vai primeiro, precede-nos no amor (I Jo.4,10), acompanha-nos, está sempre connosco nesta missão (cf. E.G. 24)! E, por isso, o verdadeiro discípulo missionário toma a iniciativa sem medo, sai ao encontro. E para onde? Não há fronteiras, não há limites! Jesus envia-nos a todas as pessoas e não apenas àquelas que nos parecem mais próximas, mais abertas, mais acolhedoras. Portanto, não devemos temer sair de nós mesmos, percorrer as estradas do mundo, para levar Cristo a todos os ambientes, até àqueles que parecem mais distantes, mais indiferentes!

2. Entre estas estradas, estão também as estradas digitais, congestionadas de humanidade. Graças aos modernos meios de comunicação, a mensagem cristã pode viajar «*até aos confins do mundo*» (At.1, 8). Mas também aí, é precisa uma Igreja capaz de levar calor, inflamar o coração, para que a internet não seja uma rede de fios, mas se teça e aconteça como uma rede de pessoas, de modo que o encontro virtual, à distância, se torne um encontro táctil, de ternura, de proximidade, de verdadeiro encontro pessoal.

3. Caríssimos irmãos e irmãs: “sair em direção aos outros, para chegar às periferias humanas, não significa correr pelo mundo, sem direção nem sentido” (E.G.46). Jesus liga a esta ida ou saída em missão, dois verbos, que, de algum modo, configuram a edificação de uma Igreja, que se apresente ao mundo, como “*uma mãe de coração aberto*”! Na verdade, são duas ações, próprias de uma mãe: *ensinar e batizar, ou seja, gerar para a vida e educar.*

4. **Ide e batizai**, como uma mãe que gera um filho para a vida, como uma mãe que o leva no seu ventre, por nove meses, e depois o abre à vida, dando-o à luz. Assim o faz a Igreja: como verdadeira mãe, que gera, para a vida, batiza, gerando, na fé e para a fé, novos filhos, como filhos novos, filhos de Deus. Mas, como é óbvio, uma mãe não se limita a dar à luz, mas ajuda os seus filhos a crescer, dá-lhes o leite, alimenta-os, ensina-lhes o caminho da vida, acompanha-os sempre com as suas atenções, com o seu carinho e com o seu amor. Como uma boa mãe, a Igreja, ao jeito de Maria, faz a mesma coisa: acompanha o nosso crescimento, amamenta-nos com a Palavra de Deus e os sacramentos!

5. **Ide e ensinai**, como uma mãe, que educa, ensina, guia, orienta, corrige, acompanha o crescimento dos seus filhos! Não se educa, evitando os problemas, como se a vida fosse uma autoestrada sem obstáculos! A Igreja age do mesmo modo: orienta a nossa vida, oferece-nos ensinamentos para caminhar bem. A mãe nunca ensina o que é mal, mas só quer o bem dos filhos, e é assim que a Igreja age. E a Igreja «*ensina*», de modo especial, através da catequese paroquial (da infância à idade adulta) e do ensino religioso e moral nas escolas.

Não esqueças tu também de ir, sair e fazer sentir aos outros que «*uma Mãe, de coração aberto, espera por ti*»!

HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR A 2014

Encerramento das Festas em honra de Nossa Senhora da Hora – Missa às 19h00

IDE!

1. Ide. Domingo a Domingo, percorremos esta estrada que circula entre a missa e a missão! O encontro com Cristo não pode ficar trancado na nossa vida, ou reduzido ao pequeno grupo da paróquia. Seria como cortar o oxigénio, a uma chama que arde! Por isso, Jesus chama-nos a ir, a sair, a partir em missão. E não nos diz, à cautela, “*se quiserem, se tiverem tempo, vão*”. Não. Ele diz-nos: «*Ide e fazei discípulos entre todas as nações*». É uma ordem. E Ele, não somente nos envia, mas vai à nossa frente, primeireia-nos, isto é, vai primeiro, precede-nos no amor (I Jo.4,10), acompanha-nos, está sempre connosco nesta missão (cf. E.G. 24)! E, por isso, o verdadeiro discípulo missionário toma a iniciativa sem medo, sai ao encontro. E para onde? Não há fronteiras, não há limites! Jesus envia-nos a todas as pessoas e não apenas àquelas que nos parecem mais próximas, mais abertas, mais acolhedoras. Portanto, não devemos temer sair de nós mesmos, percorrer as estradas do mundo, para levar Cristo a todos os ambientes, até àqueles que parecem mais distantes, mais indiferentes!

2. Entre estas estradas, estão também as estradas digitais, congestionadas de humanidade. Graças aos modernos meios de comunicação, a mensagem cristã pode viajar «*até aos confins do mundo*» (At.1, 8). Mas também aí, é precisa uma Igreja capaz de levar calor, inflamar o coração, para que a internet não seja uma rede de fios, mas se teça e aconteça como uma rede de pessoas, de modo que o encontro virtual, à distância, se torne um encontro táctil, de ternura, de proximidade, de verdadeiro encontro pessoal.

3. Caríssimos irmãos e irmãs: *“sair em direção aos outros, para chegar às periferias humanas, não significa correr pelo mundo, sem direção nem sentido”* (E.G.46). Jesus liga a esta ida ou saída em missão, dois verbos, que, de algum modo, configuram a edificação de uma Igreja, que se apresente ao mundo, como *“uma mãe de coração aberto”*! Na verdade, são duas ações, próprias de uma mãe: *ensinar e batizar, ou seja, gerar para a vida e educar*. Por isso, neste domingo, e concluído o mês de Maria, [e neste dia de encerramento das festas em honra de nossa Senhora da Hora] gostaria que meditássemos, com simplicidade, nestas duas ações maternas da Igreja, Mãe e Mestra.

IDE E BATIZAI!

4. **Ide e batizai**, como uma mãe que gera um filho para a vida, como uma mãe que o leva no seu ventre, por nove meses, e depois o abre à vida, dando-o à luz. Assim o fez Maria: *“recebendo o Verbo, em seu Coração Imaculado, Ela concebeu-O, em seu seio virginal e, dando à luz, o Criador do Universo, preparou o nascimento da Igreja”* (Prefácio Maria, modelo e mãe da Igreja, I). Assim o faz a Igreja: como verdadeira mãe, que gera, para a vida, batiza, gerando, na fé e para a fé, novos filhos, como filhos novos, filhos de Deus. Mas, como é óbvio, uma mãe não se limita a dar à luz, mas ajuda os seus filhos a crescer, dá-lhes o leite, alimenta-os, ensina-lhes o caminho da vida, acompanha-os sempre com as suas atenções, com o seu carinho e com o seu amor. Como uma boa mãe, a Igreja, ao jeito de Maria, faz a mesma coisa: acompanha o nosso crescimento, amamenta-nos com a Palavra de Deus e os sacramentos!

Cada um de nós pode perguntar-se: A minha relação com a Igreja-Mãe é formal ou filial? Em toda a minha vida, já ajudei a gerar alguém para a fé?

IDE E ENSINAI!

5. Ide e ensinai, como uma mãe, que educa, ensina, guia, orienta, corrige, acompanha o crescimento dos seus filhos! Não se educa, evitando os problemas, como se a vida fosse uma autoestrada sem obstáculos! Maria viveu muitos momentos difíceis da sua vida, desde o nascimento de Jesus, quando «*não havia lugar para eles na hospedaria*» (Lc 2, 7), até ao Calvário (cf. Jo 19, 25). E como uma boa Mãe permanece próxima de nós, para que nunca percamos a coragem diante das adversidades da vida, perante as nossas debilidades e pecados: fortalece-nos e aponta-nos o caminho do seu Filho. A Igreja age do mesmo modo: orienta a nossa vida, oferece-nos ensinamentos para caminhar bem. A mãe nunca ensina o que é mal, mas só quer o bem dos filhos, e é assim que a Igreja age. E a Igreja «*ensina*», de modo especial, através da catequese paroquial (da infância à idade adulta) e do ensino religioso e moral nas escolas.

Cada um de nós deve perguntar-se: acolho, com docilidade e humildade, os ensinamentos e mandamentos da Igreja, como preciosas ajudas, que me orientam e sustentam nos difíceis caminhos da Vida? Valorizo a Catequese e as aulas de educação moral e religiosa católica, como expressão da solicitude da Igreja, Mãe e mestra? Ou sou um cristão de autogestão e em autogestão?

Que “*Maria nos ajude, com a sua oração, para que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos, e torne possível o nascimento de um mundo novo*” (E.G.288)!

Não esqueças tu também de ir, sair e fazer sentir aos outros: «*uma Mãe, de coração aberto, espera por ti!*»

Homilia na Solenidade da Ascensão do Senhor C 2013 (1.º esquema – 10h30)

«*Subiu ao Céu, onde está sentado à direita do Pai*»

Assim mesmo o professamos no Credo, no Símbolo da fé! Mas qual é afinal o significado deste acontecimento? Quais as suas consequências, para a nossa vida? Deixemo-nos guiar, neste dia, por uma catequese do Papa Francisco (17.04.2013). E fixemos a nossa atenção em apenas dois pormenores da narrativa da ascensão, tal qual a ouvíamos há pouco, na conclusão do Evangelho segundo S. Lucas:

1. Antes de tudo, durante a sua Ascensão, Jesus realiza o gesto sacerdotal da bênção: “*Erguendo as mãos abençoou-os e enquanto os abençoava afastou-se deles e foi elevado ao céu*” (At.24,51). Este é o **primeiro pormenor importante**: Jesus é o único e eterno Sacerdote que, com a sua paixão, atravessou a morte e o sepulcro, ressuscitou e subiu ao Céu; isto é, entrou na intimidade celestial de Deus; está sentado à direita do Pai, o mesmo é dizer, participa da sua realeza, e desde essa poderosa grandeza de amor, intercede, para sempre, a nosso favor (cf. *Hb* 9, 24). Ele é o nosso advogado, o nosso defensor (cf. 1 *Jo* 2,1). Como é bom ouvir isto! Quando alguém é convocado pelo juiz ou tem uma causa, a primeira coisa que faz é procurar um advogado para que o defenda. Nós temos um, que nos defende sempre, defende-nos das insídias do mal, defende-nos de nós mesmos e dos nossos pecados! Temos este advogado: não tenhamos medo de O procurar, para pedir perdão, para pedir a bênção, para pedir misericórdia! Ele perdoa-nos sempre, defende-nos sempre! Não esqueçais isto! Assim, a Ascensão de Jesus ao

Céu leva-nos a conhecer esta realidade tão consoladora, para o nosso caminho: em Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, a nossa humanidade foi levada e elevada, para junto de Deus. Ele abriu-nos a passagem! Ele é como um chefe de grupo, quando se escala uma montanha, que chega ao cimo, e nos puxa e atrai para junto de si, conduzindo-nos para o alto, para Deus. Se lhe confiarmos a nossa vida, se nos deixarmos guiar por Ele, temos a certeza de estar em mãos seguras, nas mãos do nosso Salvador, do nosso advogado!

2. Um segundo pormenor: Depois de terem visto Jesus subir ao Céu, os discípulos voltaram para Jerusalém «*com grande júbilo*». Que estranho! Em geral, quando estamos separados dos nossos familiares, dos nossos amigos, devido a uma partida definitiva, e sobretudo por causa da morte, apodera-se de nós uma tristeza natural, porque já não veremos o seu rosto, nem ouviremos a sua voz, já não poderemos beneficiar do seu carinho, da sua presença. Ao contrário, o evangelista sublinha a profunda alegria dos Apóstolos. Mas por quê? Precisamente porque, com o olhar da fé, eles compreendem que, não obstante tenha sido subtraído aos seus olhos, Jesus permanece, para sempre, com eles; não os abandona. E, na glória do Pai, a todos sustém, orienta-os e intercede por eles. Quanto mais nas alturas de Deus, mais perto está de nós. Quanto mais longe da vista, mais alcança o mundo, o coração e a vida, de todos e de cada um de nós! Assim, a Ascensão não indica a ausência de Jesus, mas diz-nos que Ele está vivo no meio de nós de modo novo; já não se encontra num lugar específico do mundo, como acontecia antes da Ascensão; agora entra na comunhão de vida e de poder com o Deus vivo, participa da sua soberania, e por isso está presente em cada espaço e tempo; está ainda mais próximo de cada um de nós.

3. Nas vésperas do 13 de Maio, podíamos ainda acrescentar: Não estamos órfãos, nem de Pai, nem de Mãe. Cristo oferece, continuamente à sua Igreja, o Espírito Santo, a promessa do Pai, e podemos sempre contar com a guia e a intercessão de Maria, nossa companheira, na peregrinação da fé. “*Com delicadeza feminina, com a*

sua intuição penetrante, com a sua palavra de apoio e de encorajamento" (João Paulo II, *RM* 46), Maria sustentou a fé dos Apóstolos no Cenáculo, e hoje sustenta, tanto a minha, como a vossa fé. Por isso “*com Maria, a primeira entre os crentes, Senhor, nós Te pedimos: aumenta a nossa fé!*”

Homília na Festa em honra de Nossa Senhora da Hora 2013 (2º esquema – 19h00)

1. Jesus foi elevado ao Céu! Mas nem por isso estamos sós ou ficamos sós. Não estamos órfãos, nem de Pai, nem de Mãe. Cristo oferece, continuamente à sua Igreja, o Espírito Santo, a promessa do Pai, a força do alto, e podemos também contar, entre nós, e sempre, com a guia e a companhia de Maria, nossa Mãe!

2. Como sabeis estamos a celebrar a ascensão de Jesus, neste fim-de-semana das festas em honra de Nossa Senhora da Hora! Podíamos talvez, perguntarmo-nos, aqui e agora: **Como viveu Maria, este precioso tempo, entre a Páscoa de Jesus e o dom do Espírito Santo, no Pentecostes?** Maria, entre outras mulheres, acompanhava a Igreja nascente, reunida com os apóstolos, em oração. No passado domingo, já vos dissemos isto: “**Com fé, Maria saboreou os frutos da ressurreição de Jesus; ela e, conservando no coração a memória de tudo (Lc.2,19.51), transmitiu-a aos Doze, reunidos com Ela no cenáculo, para receberem o Espírito Santo**” (Bento XVI, *Porta Fidei*, 13). Maria sabia tantas coisas de Jesus, desde a sua infância. Ela caminhou na fé, até à Cruz, confiando em Deus, mesmo quando nada parecia “dar certo”. Maria, que guardou todas as impressões de Jesus, pode partilhar com os discípulos o seu conhecimento e o seu seguimento de Jesus.

3. Na verdade, bem vistas as coisas, os apóstolos estavam ainda cheios de medo, preocupados com o seu futuro. Ainda continuavam a experimentar a surpresa suscitada pela morte e ressurreição de Jesus, sentiam-se angustiados por terem ficado humanamente sozinhos, depois da sua Ascensão. Então, Maria, juntamente com os Apóstolos, era assídua na oração, e ensinava-os, pela sua palavra e pelo

seu exemplo, a perseverar na fé, a compreender as coisas, com o coração, a não desistir do caminho.

4. Esta presença de Maria, no Cenáculo, ajuda-nos a perceber, pelo menos, cinco dimensões muito importantes, para alimentar e fortalecer a nossa fé:

- **Fidelidade ao Espírito Santo:** Maria implorava com suas preces o dom do Espírito! Como é importante invocar, desejar e deixar o Espírito Santo entrar e atuar em nós! Invoquemo-l'O sempre, em todas as horas.
- **Fidelidade à memória da última Ceia:** Maria permanece fiel ao encontro do Cenáculo, ao lugar da última ceia. Como é importante ser fiel à Eucaristia, para crescer sempre, na amizade com Jesus e alimentar a nossa fé n'Ele!
- **Fidelidade à Oração Comunitária:** Maria reza no seio da nova família. Ela é a primeira crente. Como é importante rezarmos juntos, nesta casa, que é de todos. Sem oração, a fé não respira e a vida da Igreja não vai bem...
- **Fidelidade à Palavra:** Maria e outros discípulos estão reunidos com os apóstolos. Eles tornam-se *irmãos e irmãs*, pela fé, que vem da escuta da Palavra. Como é importante escutarmos juntos a Palavra de Deus, para nos tornarmos uma nova, grande e verdadeira família!
- **Fidelidade à Igreja:** Maria está junto de Pedro e dos outros Apóstolos. O mesmo é dizer: Maria está no coração da Igreja. Como é importante saber, que não se pode crer em Jesus e ter Jesus presente no meio de nós, sem que sejamos capazes de nos reunir, em Igreja. Na verdade, ninguém crê sozinho. A nossa fé é a fé da Igreja!

5. Vede, queridos meninos e meninas: *“Com delicadeza feminina, com a sua intuição penetrante, com a sua palavra de apoio e de encorajamento”* (João Paulo II, RM 46), Maria sustentou a fé dos Apóstolos no Cenáculo, e com a sua fidelidade, sustenta

tanto a minha como a vossa fé. “Por isso, iremos rezar e cantar: com Maria, a primeira entre os crentes, Senhor, nós Te pedimos: aumenta, aumenta a nossa fé! Credo, Domine. Aumenta, aumenta a nossa fé”.

Homilia – Sermão na Solenidade da Ascensão do Senhor B 2012

Missa de Domingo, às 19h00 – Festa em honra de Nossa Senhora da Hora

1. A ascensão é o cumprimento pleno daquela Hora, anunciada, em primeira mão, por Jesus a Maria, em Caná da Galileia. É a hora de Jesus, partir deste mundo para o Pai, levando-nos consigo e elevando-nos a todos com Ele. Mas é também a hora de nós partirmos “*a pregar por toda a parte a Boa Nova*” (Mc.16,20). Dito, de modo simples, nesta hora Jesus parte, para ficar no meio de nós e por meio de nós. E nós ficamos para partir e pregar a sua Boa Nova, com Ele e por meio d’Ele. É a hora do parto da própria Igreja, que tem de dar um grito e fazer-se à vida, como uma criança acabada de nascer. Jesus, porém não é um ausente; ele permanece presente e, como dizia o evangelho (Mc.16,20) “*cooperava*” com os discípulos e “*confirmava*” a força da Palavra, com sinais maravilhosos! A Palavra de Deus transforma sempre a nossa Vida!

2. Mas, neste domingo, em que se assinala também o 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS), o Santo Padre vem lembrar-nos que o caminho da evangelização não passa apenas pelo *anúncio da Palavra*, mas que o acolhimento desta requer sempre o difícil exercício do *silêncio*. Pois o silêncio é o berço da Palavra. E perguntamo-nos: fará sentido este elogio do silêncio, numa Mensagem para o Dia das Comunicações Sociais? Sim, faz. Porque a nossa, é uma época, na qual não se favorece o recolhimento; aliás, às vezes tem-se a impressão de que as pessoas têm medo de se separar, nem que seja por um instante, do rio de palavras e de imagens que marcam e enchem os dias. Ora, a vertigem com que hoje a informação nos chega ao ecrã do telemóvel, da net, da TV, exige, da nossa parte, uma maior ponderação, uma seleção, uma séria capacidade crítica, para “*discernir o que é importante*”

daquilo que é inútil ou acessório”. E esta «digestão» da informação não é possível se não for ruminada no silêncio. Mais ainda, o silêncio é fundamental para podermos “*descobrir a relação existente entre acontecimentos que, à primeira vista, pareciam não ter ligação entre si; o silêncio é um bem necessário, para avaliar e analisar as mensagens*” recebidas. No meio de tanta informação, impõe-se-nos “*criar um ambiente propício, quase uma espécie de «ecossistema» capaz de equilibrar silêncio, palavra, imagens e sons*” (Bento XVI, Mensagem para o 46º DMCS 2012).

3. Assim, se, por um lado, devemos olhar com interesse para as várias formas de sítios, aplicações e redes sociais que possam ajudar o homem atual, não só a viver momentos de reflexão e de busca verdadeira, por outro lado, também devemos buscar e encontrar espaços de silêncio, ocasiões de oração, meditação ou partilha da Palavra de Deus! Daí a necessidade de voltar a “*aprender a escutar, a contemplar, para além do falar; e isto é particularmente importante para os agentes da evangelização: silêncio e palavra são ambos elementos essenciais e integrantes da ação comunicativa da Igreja, para um renovado anúncio de Jesus Cristo no mundo contemporâneo*” (Bento XVI, Mensagem para o 46º DMCS 2012).

4. Neste sentido, já tinha dito muito antes o Papa: “*redescobrir a centralidade da Palavra de Deus, na vida da Igreja, significa também redescobrir o sentido do recolhimento e da tranquilidade interior. Só no silêncio é que a Palavra pode encontrar morada em nós, como aconteceu em Maria, mulher inseparável da Palavra e do silêncio*»” (Bento XVI, Verbum Domini, n. 66).

5. Sim, meus queridos irmãos e irmãs: esta necessária harmonia entre o silêncio e a Palavra, não podia encontrar melhor expressão, do que em Maria! Maria é para nós, como foi para os discípulos, a verdadeira imagem de uma Casa, da morada enamorada de Deus, habitada pelo silêncio. Desde o princípio dos evangelhos, vemos que Maria foi aquela que verdadeiramente abriu e escancarou a porta do seu coração à Palavra de Deus! Ela mesmo respondeu e correspondeu à Palavra de Deus dizendo: «*Faça-se em Mim, segundo a Tua Palavra*» (Lc.2,38). Maria era um coração todo puro, recetividade plena, silêncio absoluto, onde a Palavra de Deus estava como que "em sua casa". Por isso, também Maria, nos dias da vida de Jesus, «*ponderava todas as palavras e todas as coisas em seu coração*», (cf. Lc.2,19,51), ela meditava em tudo o que ouvia e em tudo o que via. Ela como que recolhia e ligava todas as palavras e todas as imagens da sua vida, procurando, no silêncio do coração, decifrar aí os apelos de Deus.

6. Mas Maria está ligada, sobretudo pelo silêncio, à grande hora de Jesus, a todas as suas horas, mas, de modo especial, à hora da sua cruz e da sua glorificação, “*em que o Verbo emudece, torna-se silêncio de morte, porque se “disse” até calar, nada retendo do que nos devia comunicar*» (Bento XVI, *Verbum Domini*, 12). Também nas primeiras horas da vida da Igreja, os discípulos contaram sempre com a presença silenciosa da Mãe de Jesus, com o seu exemplo e proteção. Naquela mesma sala de cima, onde Jesus celebrou a Ceia e se manifestou vivo aos discípulos «*e estava à mesa a conversar com eles*», também aí se encontrava Maria, entre outras mulheres (cf. At.1,14), em oração.

7. Nesta hora, de parto e de partida, para a Igreja, Maria, fala-nos e convida-nos ao silêncio, a olhar para o céu, a ver a vida, a partir do alto, a acolher a

Palavra, a escutá-la, até chegarmos, como ela, a pensar com a Palavra de Deus, a falar com a Palavra de Deus, a viver a Palavra de Deus.

A Maria, Nossa Senhora da Hora, cujo silêncio «escuta e faz florescer a Palavra», confiemos pois toda a obra de evangelização desta Paróquia, que é sua e se tornará tanto mais sua, quanto for verdadeira Casa do Silêncio e Casa da Palavra!

Homília na Solenidade da Ascensão do Senhor A 2011

Ide e fazei discípulos de todas as nações,

Batizando-os e ensinando-os a cumprir tudo o que vos mandei!

1. Apesar da fé ainda vacilante, de alguns dos discípulos, Jesus confia a todos, (e não apenas aos doze apóstolos), a missão! A Missão não é um feito especial ou um efeito de especialistas, mas obra de discípulos, que fazem outros discípulos! Jesus desafia à missão, mesmo os que ainda duvidam, porque a melhor maneira de fortalecer a fé é contagiá-la, pois uma fé que não se apega, apaga-se! E dentro deste mandato missionário, destinado a fazer discípulos, (e não alunos), Jesus, o Mestre, com a autoridade que lhe vem de dentro e do alto, propõe dois caminhos concretos: batizar e ensinar!

Batizar, não como quem «matricula» na Igreja, ou como quem se faz sócio de um clube, mas como quem faz um verdadeiro «mergulho», deixando imergir toda a sua existência, naquele mistério de amor primeiro, onde a vida divina circula, na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo! O batismo inicia numa comunhão pessoal e vital, com Deus, acolhendo-nos numa família de irmãos, que nunca, nos deixa sós, nem na vida nem na morte! Com o Batismo tem início uma vida nova, que é preciso fazer crescer.

Ensinar, não como um exercício académico destinado a fazer do cristão um bom aluno, que sabe a lição; trata-se neste ensino, de uma verdadeira iniciação, lenta e progressiva, na amizade e no seguimento de Cristo, até chegar à prática da sua Palavra, que se resume no mandamento novo do amor! Escutar a palavra e pô-la em prática é a única forma sensata, de o discípulo construir a sua vida, de forma sólida, coerente e feliz.

2. Numa palavra, é preciso fazer discípulos, e em dois tempos: Batizando e ensinando! Em boa verdade, temos tido mais preocupação em aumentar o

número dos batizados, do que em fazer discípulos! Temos tido mais diligência a batizar, do que a ensinar! A Igreja, comunidade dos discípulos, não pode ignorar a sua missão de Mãe e de Mestre. Dentro do seu vasto campo de «ensino», gostaria de chamar a atenção para dois espaços diferentes e complementares: a **Catequese** e as aulas de **Educação Moral e Religiosa Católica**.

2.1. A Catequese tem um espaço próprio (que é a vida da comunidade paroquial) e tem objetivos muito seus, que são sobretudo os de iniciar o discípulo de Jesus, numa comunhão íntima, pessoal e vital com Ele, por meio e no seio da Igreja! É tarefa da Catequese converter e educar, para uma fé, professada, celebrada, vivida, rezada e testemunhada! A catequese destina-se, sobretudo, a fazer discípulos, que se relacionam com Cristo, seu Mestre e Senhor, e não visa fazer bons alunos, que aprendem do catequista a lição! Nesse sentido, a Catequese não colide, nem concorre com a Disciplina de EMRC, muito menos a dispensa! Durante o mês de junho, deverão fazer a primeira inscrição ou a sua renovação, na secretaria paroquial ou por e-mail.

2.2. A Disciplina de EMRC funciona noutra espaço, que é o do mundo escolar, e não tem em vista fazer discípulos, mas sobretudo em dar aos alunos a possibilidade de conhecer, com mais rigor, a visão, as propostas e as respostas, que o cristianismo oferece, quanto ao sentido da vida e do mundo, confrontando-as também com as de outras religiões e formas de ser, de viver e de pensar. Mais dirigida à compreensão do que à conversão, apelando mais à inteligência do que ao coração, a Disciplina de EMRC há de ajudar os alunos a fazer uma síntese razoável entre a ciência e a fé, entre a fé e a cultura. Pelo que exorto os pais, e vivamente, a não desperdiçarem esta oportunidade de educação integral dos vossos filhos, em que a dimensão religiosa e espiritual da pessoa e da cultura em que vivemos é mais amplamente conhecida, apreciada, respeitada e valorizada. Lembro que a EMRC é uma área disciplinar, de oferta obrigatória e de frequência

facultativa, nas escolas públicas, desde o 1º ciclo até ao Ensino secundário. A matrícula deve ser feita ou renovada em cada ano letivo!

3. Caríssimos pais, e a todos os que podem ter uma palavra oportuna de clarificação e ajuda, gostaria de vos dizer: Num tempo como o nosso, em que vivemos uma tão profunda crise, que denuncia, na sua raiz, um vazio ético, isto é, uma clara falta de valores, fizei vós próprios uma opção corajosa pela disciplina de EMRC, inscrevendo nela os vossos filhos!

Não lhes abram caminho a tempos livres, em passos perdidos. Ao escolher EMRC na Escola pública, os pais abrem, sim, na vida dos filhos, uma porta, que lhes oferece novos horizontes, para construir a vida e fazer dela um percurso com sentido, alicerçados em valores, orientados por princípios, que a tornam muito mais humana e ainda mais bela! Não vos canseis, nem desistais nunca da vossa nobre missão de primeiros educadores, escolhendo o melhor para eles e com eles!

Contai connosco. Só convosco é que podemos contar, para contarmos todos juntos, e sempre, com a graça do Senhor, que está connosco até ao fim dos tempos!

HOMILIA NA ASCENSÃO DO SENHOR C 2010

1. Brilha ainda, intensa, nos nossos olhos, a alegria imensa, com que todos vimos o Papa, timidamente, pousar o solo português, e as saudades, que já nos ficam, na alma, destes dias, tão belos! O «Céu» parece ter descido à nossa Terra, em pequenos e grandiosos momentos, de intensa luz e vida! O Papa Bento XVI transfigurou-se, ao calor do nosso acolhimento, e parece ter crescido e aparecido, a nossos olhos, na sua sabedoria, bondade e serenidade! Quatro dias depois, vimo-lo partir, e ficar-nos-á para sempre gravada no coração a imagem da sua despedida e o avião, na sua lenta ascensão, levá-lo de regresso a casa! Por fim, ficamos certos, de que o Papa nos leva e eleva a todos com ele. E de que nós ficamos para sempre com o Papa, guardando agora os seus gestos, meditando as suas palavras, respondendo aos seus desafios!

2. Creio que os discípulos de Jesus, devem ter experimentado, algo de semelhante, mesmo se intensamente mais forte, durante aqueles quarenta dias, em que Jesus Se lhes apresentou vivo e com muitas provas! Eles vão descobrindo em Jesus, uma palavra de vida, uma presença nova, uma condição divina, bem acima deles, uma vida exaltada pelo Pai! Cristo, elevado aos céus, não é, para eles, um desaparecido em combate! O seu arrebatamento, para junto do Pai, não é um regresso ao passado, nem uma fuga para a frente! Os discípulos sabem que Jesus parte, mas que os leva e eleva a todos com Ele! Jesus parte, mas permanece connosco, até ao fim dos tempos (Mt.28,20). Elevado aos céus, na esfera da eternidade, Jesus torna-se, doravante, contemporâneo de cada um de nós. Como disse o Papa, em Lisboa, *“Cristo não está a dois mil anos de distância; está realmente presente, entre nós e dá-nos a luz, que nos faz viver e encontrar a estrada para o futuro»*.

3. *“Mas, se esta certeza (da presença de Cristo) nos consola e tranquiliza, ela não nos dispensa de ir ao encontro dos outros”*, disse, no fim, com toda a clareza, o Papa,

aqui no Porto! Não, por acaso, em ambos os relatos da Ascensão, São Lucas acentuava as palavras de Jesus: «Vós sois testemunhas de tudo isto», (Lc.24,48) e «sereis minhas testemunhas em Jerusalém e até aos confins da terra» (Act.1,8)! No Porto, dizia-nos o Papa: «é necessário que vos torneis comigo testemunhas da ressurreição de Jesus. De facto, se não fordes vós as suas testemunhas, no vosso próprio ambiente, quem o será em vosso lugar»? E o Papa continuava: «o cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo, enviado ao mundo. Esta é a missão inadiável de cada comunidade eclesial: receber de Deus e oferecer ao mundo Cristo ressuscitado, para que todas as situações de definhamento e morte se transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida”. E o Santo Padre confirmava-nos na missão, com este desafio: «Temos de vencer a tentação de nos limitarmos ao que ainda temos ou julgamos ter, de nosso e seguro: seria morrer a prazo, enquanto presença de Igreja no mundo, que aliás só pode ser missionária». A missão não se destina apenas aos povos não cristãos e às terras distantes, mas também aos ambientes da nossa sociedade e da nossa cultura. São «sobretudo os corações» - que nos seus legítimos anseios, esperam por Jesus - «os verdadeiros destinatários da missão», assegurou-nos Bento XVI.

4. Meus queridos irmãos e irmãs: nós, que experimentamos, aqui, na Eucaristia, a presença real e transformadora de Cristo, não podemos agora ficar a olhar, pasmados, para o céu (cf. Act.1,11)! Somos desafiados a permanecer na cidade (cf. Lc.24.,56), a ser aqui e a partir daqui «testemunhas e portadores de Jesus ressuscitado, levando-O para os diversos sectores da sociedade e a quantos neles vivem e trabalham, irradiando a «vida em abundância» (...) Nada impomos, mas sempre propomos!» Façamo-lo, então com Cristo e a partir de Cristo, para renovar a face da terra, a partir de Deus, sempre e só de Deus!

5. Neste mês de Maio, levantemos mais ainda os nossos olhos, para Maria, escolhida como Padroeira desta paróquia e desta Cidade! Que Maria nos ajude a fazer de nós mesmos um «sim» livre e pleno à graça de Deus, para podermos ser

renovados e renovar os outros, pela luz e alegria do Espírito Santo! Chegou a nossa hora. Vamos lá embora! É a hora da Missão!...

HOMILIA NA SOLENIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR B 2009

I. “Uma nuvem escondeu-O a seus olhos”! É uma nuvem de espanto e de temor, uma neblina de saudade e apreensão, que atravessa, por cima e por dentro, o coração dos discípulos! Jesus parte para ficar. A Igreja fica para partir. São tempos novos, e com eles, novas relações, novos desafios, nova missão.

1. Novas relações entre o Pai e o Filho. Não é o regresso à infância. Jesus ressuscitado, e elevado aos céus, leva agora consigo a marca e o peso da nossa frágil humanidade, transformada pelo seu amor. Sentado à direita do Pai, Jesus Cristo reconcilia, na perfeição, a relação entre Deus e os Homens. Pois Ele mesmo é Deus no homem e é o Homem em Deus!

2. Ascensão é também tempo de relações novas, entre Jesus e os discípulos! Doravante, eles terão de renunciar ao contacto físico, à doce consolação de quem se deixava ver ressuscitado, com os sinais da sua crucifixão! O acesso a Jesus, e por Ele ao Pai, faz-se agora no Espírito Santo, numa relação pura de amor, com pequenos sinais e gestos, que avivam a memória de Jesus, numa presença inteiramente nova, que não desaparece, numa amizade que antes se intensifica!

3. Chegou, por isso, a hora da partida, a hora da missão, a hora do testemunho! O desafio é ir por todo o mundo, partir por toda a parte, levar o evangelho, por todos os meios, aos confins da terra. E “o Senhor coopera”, com eles, através do Espírito, que lhes dá novo ardor, novo alento, para percorrer novas vias, no anúncio do Evangelho.

II. Queridos irmãos e irmãs: estamos a celebrar, nesta solenidade da Ascensão do Senhor, o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais, guiados pela mensagem de Bento XVI, sob o lema "Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade."

1. Estamos também nós, como os discípulos, a viver um tempo novo, de “mudanças fundamentais, nos modelos de comunicação e nas relações humanas” provocadas pelo desenvolvimento técnico. Mudanças que afectam cada vez mais pessoas, em particular, os jovens, a nova "geração digital". Há todo um "potencial extraordinário, nas novas tecnologias: elas permitem uma velocidade de comunicação "impensável para as gerações anteriores”, facilitam o acesso ao conhecimento, o contacto entre amigos e familiares geograficamente separados. Esta comunicação, esta amizade alargada, corresponde bem ao desejo humano e ao desígnio divino de uma cada vez maior comunhão entre as pessoas.

2. Todavia alertemo-nos, para alguns perigos, que vêm desde os maus conteúdos em circulação, ao desejo descontrolado da novidade. Mais, “seria triste se o nosso desejo de sustentar e desenvolver on-line as amizades, fosse realizado à custa da nossa disponibilidade para a família, para os vizinhos e para aqueles que encontramos na realidade do dia a dia, no lugar de trabalho, na escola, nos tempos livres. De facto, quando o desejo de ligação virtual se torna obsessivo, a consequência é que a pessoa se isola, interrompendo a interacção social real. Isto acaba por perturbar também as formas de repouso, de silêncio e de reflexão necessárias para um sã desenvolvimento humano”.

3. Neste dia da Ascensão, em que Jesus nos deixa o desafio da missão, não podemos ignorar o potencial destas novas tecnologias, quais novas vias, para o anúncio do Evangelho.

“A vós, jovens, diz o Papa, “compete a tarefa da evangelização deste «continente digital». Sabei assumir com entusiasmo, o anúncio do Evangelho aos da vossa idade! O dom mais precioso, que lhes podeis oferecer, é partilhar com eles a «boa nova» de um Deus que por nós Se fez homem, sofreu, morreu e ressuscitou. (...) O coração humano anseia por um mundo onde reine o amor, onde os dons sejam compartilhados, onde se construa a unidade, onde a liberdade encontre o seu

significado na verdade e onde a identidade de cada um se realize numa respeitosa comunhão. A estas expectativas pode dar resposta a fé: sede os seus arautos”!

Como São Paulo, anunciai todo o Cristo, a todo o Homem, com todos os meios!

Homilia na Solenidade da Ascensão do Senhor A 2008 - Dia da Mãe

Homens da Galileia, porque estais a olhar para o céu?

1. A pergunta, que há dois mil anos, ressoara do alto, dirigia-se então ao olhar assombrado dos discípulos! Talvez hoje a pergunta nos devesse ser feita ao avesso: “E vós, homens desta Terra, porque estais a olhar para o chão”? Ou então, como quem denuncia a pequena esperança que nos minga o olhar, a pergunta podia ser formulada assim: “E vós, homens desta terra, porque deixastes de olhar para o céu”? De facto, a visão do céu parece ter-se eclipsado hoje, ao olhar ensombrado do coração poluído de tantos homens e mulheres! A vida eterna deixou de ser desejável, para muitos de nós; tornou-se até, a nosso pequeno ver, um obstáculo, para todo o proveito desta vida. Quando muito, para quem enterrou já a sua esperança debaixo dos pés, o que importa não é alcançar a vida eterna; é simplesmente adiar a morte (cf. Spe Salvi,10). A promessa do Reino dos céus, pouca ou nada importará, diante da oferta mundana de um reino terreno, conquistado, a pulso, pelos homens. Sim, como poderá ainda sentir-se fascinado pelo céu, aquele que não deseja mais que o palmo de terra que pisa no momento, de momento e para o momento?

2. Precisamos então de “*um espírito de sabedoria e de luz, que ilumine os olhos do nosso coração, para compreendermos a esperança a que fomos chamados*” (2ª leitura). A isso se destina precisamente a última aparição pascal de Jesus: a sua Ascensão. De facto, «*a Ascensão de Cristo é a nossa esperança*» (Oração coletiva). Com esta aparição, Jesus projeta-nos o olhar para o alto; tira-nos os olhos, mas não os pés, do chão. Faz-nos ver mais alto, mais longe, mais além. Mostra-nos, afinal, a altíssima vocação, a que estamos chamados. “Elevando-se” à vista dos discípulos, Cristo sobe ao Céu com aquela humanidade, que é afinal a nossa, mas agora transfigurada, divinizada e eterna. Portanto, a Ascensão revela, em toda a sua beleza e grandeza, a “altíssima vocação” de cada pessoa humana, chamada à

vida eterna no Reino de Deus. Está assim, dito ao Homem, que ele pode e deve viver para as alturas de Deus. É só neste patamar, que o Homem pode chegar a ser o que deve ser. Permanecendo nesta terra, somos chamados a fixar o céu, a orientar a nossa atenção, o nosso pensamento e o nosso coração para o mistério inefável do amor de Deus. É Deus a meta, a pátria e o sentido definitivo da nossa vida. A nossa vida é atraída para o céu, isto é, para a felicidade infinita, na plena comunhão de vida e amor, com Deus e n'Ele, com todos os nossos irmãos.

3. Meus caros amigos: a solenidade da Ascensão faz-nos compreender «quem somos», na medida em que responde à pergunta «para onde vamos?» Vamos com Cristo, para o Pai, envoltos no seu Espírito de amor! Todavia, a celebração deste dia da Mãe, ajuda-nos ainda a saber quem somos, porque nos reconduz à pergunta primordial: «*donde vimos?*» Vimos do «seio materno», desse lugar sagrado, escolhido por Deus, para o milagre da vida!

Neste sentido, não é apenas o céu «para onde vamos», a imagem da nossa esperança e do nosso futuro. Também uma mãe, com o seu filho, representa, de maneira única, a nossa esperança. “Cada criança que nasce é uma confirmação daquela esperança que a pessoa nutre por um futuro aberto à eternidade de Deus. Aliás, a esta nossa esperança, o próprio Deus respondeu e correspondeu, nascendo, no tempo, como um pequeno ser humano” (Bento XVI). Por isso, podemos dizer, com toda a convicção, que a “maternidade” é a expressão mais terna da nossa esperança eterna! Ao contrário, a grande crise de natalidade põe a nu, sobretudo, a falta de esperança e a enorme perda de confiança na vida e no futuro. Podíamos acrescentar ao ditado popular, o seu reverso, e dizer «enquanto há esperança, há vida”.

4. Entre a saudade do seio materno donde viemos e a esperança do seio paterno para onde vamos, aqui estamos. E não estamos órfãos, nem sós, porque o Senhor está connosco. E connosco deixou-nos sua Mãe. Depois da Ascensão, Ela estava

no meio da comunidade dos crentes, que rezavam unanimemente, pedindo o dom do Espírito Santo (cf. Act 1,14). Com eles esperou a manifestação do Reino de Deus, sabendo que “este chega, onde Ele é amado e onde o seu amor nos alcança” (*Spe Salvi*,31)! Maria permanece connosco, como nossa mãe! Neste mês, e especialmente neste dia, também nós a saudamos como “vida, doçura e esperança nossa”!

Homilia na Solenidade da Ascensão do Senhor C 2007

(a partir da 1.ª leitura, igual nos três ciclos)

1. **"Porque estais assim a olhar para o céu?"** Esta pergunta poderia ser aproveitada hoje, como *slogan* de campanha, por alguns ativistas da praça, como se nela estivesse a fórmula moderna do homem do sucesso: "o que importa mesmo é mudar o mundo, instaurar uma nova ordem, meter pés a caminho e mãos à obra". O céu, talvez mereça o interesse dos astrólogos, a atenção dos astronautas e o olhar fixo dos lunáticos. Todavia - irmãos caríssimos - só muito aparentemente é que tal pergunta, se destinaria a desviar do céu o nosso olhar. Mais: na resposta a esta pergunta está contida a verdade fundamental, sobre a nossa vida presente e sobre o futuro definitivo de toda e de cada pessoa humana.

2. Começemos então, **por assentar os pés na Terra!** Atendamos à primeira parte da pergunta: **«Porque estais assim?»** Que é como quem diz, **«porque estais assim na Terra?»** Que sentido tem a vossa vida aqui? Que ides agora fazer da vossa Vida, para que ela não se perca? Podíamos responder: "Estamos assim na terra, porque o Criador nos colocou, como coroamento da obra da criação. Radicados na Terra, é nela e dela que crescemos. Aqui praticamos o bem, nos vastos campos da existência quotidiana». Mas é também aqui, nesta Terra, que experimentamos a fadiga do viandante a caminho, rumo à meta, por estradas complicadas, entre hesitações, tensões, incertezas. É aqui na Terra, que tomamos consciência, que mais cedo ou mais tarde, este caminho chegará ao fim!

3. E é então que brota, do mais fundo da nossa alma, a questão fundamental: **«Só isto? A terra, na qual nos encontramos, é o nosso futuro definitivo?»** Para encontrar a resposta, fixemo-nos, na segunda parte da pergunta: "Porque estais assim a olhar para o céu?" O olhar fixo dos apóstolos no céu vem dizer-nos: somos

chamados, mesmo permanecendo na terra, a fixar o céu, a orientar a nossa atenção, o nosso pensamento e o nosso coração para o mistério inefável de Deus. Somos chamados a olhar na direção da realidade divina, para a qual cada pessoa humana está orientada desde a criação do mundo. Ali está contido o sentido definitivo da nossa vida: a vida eterna. Sem a perspectiva da vida eterna, a pessoa carrega sobre si um enorme deficit de esperança. «É como se ao homem tivesse sido cortado um tendão, de tal forma que ficasse impedido de correr para a meta; é como se lhe tivessem cortado as asas» (H. Balthasar)!

4. Esta "vida eterna" - caríssimos irmãos - não aponta simplesmente para "o que há de vir depois". Através de Cristo, elevado aos céus, o ser humano foi conduzido, até ao interior da própria vida de Deus. Por isso, a vida eterna é-nos dada desde já, por meio da nossa fé e da nossa comunhão com Cristo. Onde quer que se dê o encontro íntimo e pessoal, amoroso e real, do Homem com Cristo, dá-se também a vida eterna. E nesse encontro, renovam-se todas as coisas. Encontramos e acolhemos a Vida eterna, na medida em que fazemos da nossa vida uma entrega generosa, «por Cristo, com Cristo em Cristo».

5. Não há, por isso, uma vida agora e outra depois. A vida é uma só. É única. E por isso mesmo, não pode ser desperdiçada. Precisa de ser vivida, com entusiasmo e responsabilidade. Olhar hoje para o céu, é um desafio a consagrar a nossa vida aos mais elevados ideais, da fé e da solidariedade humana. Olhar hoje, para o céu, e neste 41º Dia Mundial das Comunicações Sociais, educa-nos a orientar a nossa visão para o belo e excelente, e a desviar o nosso olhar de tudo o que é torpeza e vulgaridade. «Que o Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, ilumine os olhos do nosso coração, para compreendermos a que esperança fomos chamados»!

Homilia na Ascensão do Senhor A - Ano da Eucaristia 2005

“Estou convosco todos os dias até ao fim dos tempos!” (Mt 28,20)

1. *“É com alegria que a Igreja experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante desta Promessa de Jesus: «Estou convosco todos os dias, até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). Mas, em pleno ano da Eucaristia, não podíamos deixar de destacar, de modo especial, esta presença real do Senhor, no Divino Sacramento! De facto, “na Eucaristia, pela conversão do pão e do vinho no Corpo e no Sangue do Senhor, a Igreja goza desta presença de Jesus, com uma intensidade sem par” (cf. Ec. Euc.1).*

2. *“Trata-se, todavia, na Eucaristia, de uma presença “real”; «Real», não por exclusão, como se as outras formas de presença não fossem reais, mas por se reconhecer na Eucaristia a presença, por excelência. Por ela, Cristo completo, torna-se substancialmente presente, na realidade do seu Corpo e do seu Sangue! Por isso, a fé pede-nos para estarmos diante da Eucaristia, com a consciência de que estamos na presença do próprio Cristo” (MND 16), como os discípulos, em verdadeiro espírito de adoração! A Eucaristia coloca-nos assim diante do “grande mistério desta presença, por meio da qual se realiza de modo supremo, a promessa de Jesus de permanecer connosco todos os dias e até ao fim dos tempos” (MND 16)!*

3. *«Desde o início da peregrinação da Igreja e da sua missão, esta presença eucarística do Senhor, foi ritmando os seus dias, enchendo-os de consoladora esperança» (Écc. Euc.1). A Igreja, desde o princípio, viveu da Eucaristia e vive deste dom e desta presença de amor, não para a guardar, mas para a expandir! Não para a fechar, mas para a abrir ao mundo! Ao mesmo tempo que está segura da presença do Senhor, no meio do seu Povo, a Igreja escuta o Seu apelo incisivo: «Ide e ensinai todas as nações; batizando-as... ensinando-as a cumprir tudo o que vos mandei».*

4. Da Missa, em *«que o Senhor está connosco à mesa», a Igreja recebe não só a*

força e o alento, como o dever e o mandato da *Missão*, «até aos confins da terra»! Não por acaso, desde os finais do século IV, a Eucaristia é chamada “*Missa*”. O termo nasce a partir das palavras finais, de despedida da celebração, que em latim se diziam “*Ite, Missa est*”. Literalmente, significa: “*Ide, a Missa acabou*”. Mas o sentido espiritual é mais ativo e comprometedor. É como quem diz: *Ide! Vivei em Missão!* A missão é levar Cristo, de modo credível, aos ambientes de vida, de trabalho, de fadiga, de sofrimento, fazendo-o, de modo que o espírito do Evangelho, seja fermento da história e «projeto» de relações humanas com a marca distintiva do amor autêntico e da paz!

5. Também «os dois discípulos de Emaús, depois de terem reconhecido Jesus ao partir o Pão, partiram imediatamente» (MND 24). Há, portanto, uma relação de causa e efeito entre *Missa* e *Missão*, entre banquete e anúncio do Evangelho. Na verdade, como nos disse São Paulo “todas as vezes que **comeis** desse pão e bebeis desse cálice, **anunciais** a morte do Senhor, até que ele venha” (1 Cor 11,26).

6. Anunciar a Páscoa do Senhor até que Ele venha «do mesmo modo que o vimos subir para o céu» implica, para nós o compromisso de transformarmos a vida, de tal forma que esta se torne, de certo modo, toda ela «*eucarística*», isto é, uma vida salva e agradecida, consagrada e oferecida por amor de Deus aos outros.

7. Deste modo, na celebração da Eucaristia, os nossos olhos e a nossa vida estão voltados para o céu e postos no Senhor; na Eucaristia, o nosso coração encontra-se em verdadeiro estado de grito, de expectativa, clamando sem cessar: «*Vinde, Senhor Jesus!*» (cf. Ap 22, 20” (Ec.Euc 20). Mas ver-se-á, pelos frutos de missão, que os nossos passos são dados sobre a Terra, onde queremos construir, pela graça de Deus nas nossas mãos, o Reino dos Céus!

Homilia na Ascensão do Senhor A 2002 - 12 de maio

I. Os discípulos têm saudades do futuro. Antes mesmo da partida de Jesus, e já eles suspiram pelo seu regresso. Mas o Ressuscitado não está preso ao chão da sua terra, nem afeito ao ritmo do seu tempo. Ele veio do Pai, para trazer o céu à terra e mostrar Deus ao Homem. Ele volta para o Pai, para levar a terra ao Céu e fazer chegar o Homem à plenitude de Deus. De mãos largas, Jesus lançou a semente do Reino, por entre as terras da Judeia, da Samaria e da Galileia. Agora deixa-nos nos braços a herança do futuro, a Promessa do Reino, que havemos de levar até aos confins da terra.

É errado ficar a olhar, parados, olhando para o Céu, alheios às dores, alegrias e esperanças, dos homens de cada tempo e de todos os tempos. Só aquele que dá testemunho e se compromete com o Reino de Deus, é que entendeu e cumpriu a Páscoa, a sua força e a sua mensagem. **A Ascensão não é a despedida de Jesus.** É, antes e sobretudo, **a partida da Igreja**, investida agora em missão.

II. E não foi fácil à Igreja, aprender a andar e a crescer, sendo então os pés, as mãos e os braços, “o Corpo” inteiro e pleno de Jesus. Depois da Ascensão, diz-se no livro dos Atos, que os Onze apóstolos “foram para Jerusalém. Subiram para a sala de cima, no lugar onde se encontravam habitualmente. Todos unidos pelos mesmos sentimentos, entregavam-se assiduamente à Oração, com algumas mulheres entre as quais **Maria, Mãe de Jesus** e com os irmãos de Jesus” (1,12-14). Por isso, nesta véspera do dia 13 e neste mês de maio, entre a Ascensão e o Pentecostes, Maria bem pode servir-nos de inspiração e ensinar-nos a forma fiel de estar sempre com Jesus e de o tornar sempre presente a cada um de nós. Recordar-vos-ia uma mão cheia de atitudes:

1ª. Fidelidade ao Espírito Santo: Maria, entre os Apóstolos, vive de coração inteiramente aberto ao Espírito Santo, desejosa de o possuir e pronta para o deixar agir. O Espírito que fecundara o seio da Virgem Maria, do qual nasceu Cristo, fecundará agora a Igreja, seu Corpo. Maria implorava com suas preces o dom do Espírito que, na Anunciação, já a tinha coberto com a Sua sombra» (L.G.59).

2ª. Fidelidade à memória da última Ceia: Maria encontrava-se com os apóstolos, «*como habitualmente na sala de cima*» do Cenáculo. Ali, no decorrer da última Ceia, começou, para o mundo, uma presença nova de Cristo, que se produz ininterruptamente, onde quer que seja celebrada a Eucaristia. Maria permanece fiel ao encontro do Cenáculo; fiel à memória da dádiva e do sacrifício de seu Filho, na Eucaristia. Por isso, de certo modo, Maria nos conduz ao mistério da Eucaristia, pela qual “Cristo ressuscitado e glorioso, permanece verdadeiramente vivo no nosso meio” (Inc.Myst.11).

3ª. Fidelidade à Oração Comunitária: «Todos se entregavam assiduamente à Oração». Maria reza no seio da nova família. Ela é a primeira crente. Ao participar agora na prece eclesial dirigida por Pedro, a sua fé e esperança comunicam uma força especial à oração daquele grupo. A Igreja sentiu-se sempre acompanhada por esta oração de Maria. «Com seu amor de mãe, Ela cuida dos irmãos de seu Filho que ainda peregrinam e se debatem entre perigos e angústias, até que sejam conduzidos à pátria feliz» (L.G. 62).

4ª. Fidelidade à Palavra: Após a Ascensão, Maria e aqueles que o Evangelho chama de «irmãos de Jesus» estão reunidos com os apóstolos, numa adesão comum a Cristo Ressuscitado... Eles tornam-se irmãos e irmãs, pela fé e pela escuta da

Palavra, entre os quais sobressai Maria, que a guardou e cumpriu primeiro e como ninguém.

5º. Fidelidade à Igreja: Maria está junto de Pedro e dos outros Apóstolos. “Na base daquilo que a Igreja é desde o início, daquilo que ela deve tornar-se continuamente, encontra-se *«Aquele que acreditou»*. Esta fé de Maria que está no início e vem antes do nascimento de Jesus, é uma *fé heroica que está também no início e vem antes do testemunho* dos apóstolos. É uma fé que permanece, desde sempre e para sempre no coração da Igreja (cf. R.M. 27).

III. Maria ensina-nos assim a procurar o rosto do Filho no Corpo da Igreja, a descobri-l’O na Palavra, a encontrá-lo na Eucaristia, a servi-lo nos irmãos, com a graça do Espírito Santo. Também Maria, que um dia à terra desceu, nos «ensina a fazer tudo o que Ele nos disser» (Jo.2,5; Mt.28,20)...

Homilia na Ascensão do Senhor 2000

1. De olhar fito no Céu e com os pés bem assentes na terra, somos cidadãos de duas pátrias. Estrangeiros e peregrinos, pisamos esta Terra, caminhando por entre a poeira dos séculos, mas vivemos na esperança da Pátria Prometida. Não é uma ilusão que nos move na subida. É a visão de «Cristo, nossa Cabeça, que para aí nos chama como membros do seu Corpo». Lá do alto ele nos atrai para cima, para não sucumbirmos à força de gravidade deste mundo que é nosso, desde que não sejamos nós dele. E está connosco até ao fim dos tempos! Nesta árdua e difícil missão de transformar o mundo.

2. Jesus parte e deixa-nos a Igreja. E a Igreja fica no mundo, com a tarefa de instaurar o Reino. «Sendo simultaneamente assembleia visível e comunidade espiritual, a Igreja caminha com toda a humanidade e partilha o destino terrestre do mundo» (GS 40). É chamada a erguer do chão para o alto, a aproximar o mundo dos homens da cidade de Deus. É chamada a semear na terra que pisa, os valores do alto, em que acredita, inflamada por aquele amor com que Deus amou o mundo e lhe enviou o seu Filho Unigénito.

3. Todos os cristãos, membros da comunidade dos crentes, são simultaneamente membros da cidade dos homens. Aí, com a força inspiradora da fé, se devem empenhar no progresso da sociedade no seu conjunto. “O Concílio exorta os cristãos, cidadãos de uma e outra cidade, a desempenhar com zelo e fidelidade as suas tarefas terrestres, deixando-se guiar pelo espírito do Evangelho” (GS 43).

4. A Igreja relaciona-se privilegiadamente com a sociedade de que faz parte integrante. É a ela que foi enviada em missão. Ela é promotora de valores objetivos, considerados essenciais e prioritários para o evoluir positivo da própria sociedade, tais como: a dimensão espiritual da existência, a paz, a justiça, a afirmação da dignidade da pessoa humana, a valorização da família como célula base da sociedade, a construção de modelos de desenvolvimento em que todos

os cidadãos possam ser protagonistas, a salvaguarda da harmonia da natureza que o progresso deve respeitar. Acentue-se que os grandes objectivos da missão da Igreja no mundo convergem com as metas a atingir no desenvolvimento da sociedade democrática, o que dá à missão da Igreja, no seu conjunto, um sentido altamente positivo na construção da comunidade humana.

5. Estas são algumas ideias fortes da última Carta Pastoral dos Bispos Portugueses sobre “ a Igreja numa sociedade democrática”. Carta em que, desde o princípio, somos justamente levados a considerar a nossa dupla condição de cidadãos: da terra e do céu, da sociedade e da Igreja. A mesma conclui que “a presença dos valores evangélicos nas leis e nas estruturas do Estado depende, em grande parte, do empenhamento político dos cristãos”. E lembra que «o Concílio Vaticano II é bem claro a esse respeito: “Todos os cristãos devem ter consciência do papel próprio que lhes cabe na comunidade política. Devem dar o exemplo, desenvolvendo o sentido de responsabilidade e de dedicação ao bem comum. Mostrarão, assim, pelos factos, como se pode harmonizar a autoridade com a liberdade, a iniciativa pessoal com a solidariedade e as exigências de todo o corpo social, as vantagens da unidade com as diversidades profundas”» (GS75). Como afinal a fidelidade ao Evangelho é ficar de olhar fito no Céu e com os pés bem assentes na terra.

Homília na Ascensão do Senhor A 1999

1. **«Todo o poder me foi dado no Céu e na Terra»!** (Mt,28,20) Diz Jesus, vitorioso, ao subir para o Pai! **«Ninguém subiu ao Céu, senão aquele que desceu do Céu: o Filho do Homem»** (Jo.3,13). O ressuscitado é exaltado! Mais do que um «voltar ao passado», a ascensão de Jesus, é um «regresso ao futuro». Jesus volta para o Pai, em cujo seio existe desde sempre. Mas, depois da vida, morte e ressurreição, leva e eleva com Ele toda a sua humanidade, toda a experiência assumida da nossa fragilidade. Aquele corpo humano, glorificado na ressurreição, aquela humanidade que conhecera a dor, a alegria e o amor, entra irreversivelmente na glória divina. Nenhuma limitação impede o domínio do seu amor. Nenhum véu encobre o esplendor da sua glória. Nenhuma força negativa domina o seu poder. **«Foi-lhe entregue o domínio, a majestade, a realeza e todos os povos, nações e línguas o serviram. O seu domínio é eterno, não passará jamais, e a sua realeza não será destruída»** (Dan.7,14).

2. Eis porque a sua partida não nos deixa órfãos ou desamparados. Não foi um amigo que perdemos. Foi um Defensor que ganhamos! A humanidade, que não podia, pelas suas próprias forças, rasgar os Céus e chegar à Casa do Pai, encontra agora um acesso à vida e felicidade de Deus. Só Cristo pôde abrir ao homem este acesso. **«Subindo aos céus como nossa Cabeça, deu-nos a esperança de irmos um dia ao seu encontro, como membros do seu corpo»** (MR, Prefácio da Ascensão I). Jesus, uma vez elevado da Terra, atrai todos a si (cf.Jo.12,32), de modo que, agora e sempre, ele está junto do Pai, «sempre vivo para interceder em nosso favor» (cf.Heb.9,11).

3. Por tudo isto, o tempo que vivemos é de esperança, de expectativa e de confiança. Tempo de **esperança**, porque n'Ele, o nosso futuro já começou! O presente caminha não para a destruição, mas para a consumação, para a plenitude. Tempo de **expectativa**, porque aguardamos, sem dúvida, sem pressa e sem medo, «em jubilosa esperança, a última vinda de Cristo Salvador». Tempo de **confiança**, porque a vida do Homem, do mundo e da história estão nas suas mãos. «Deus colocou-O nos céus, acima de todo o principado, virtude e soberania. Tudo submeteu a seus pés e pô-lo acima de todas as coisas» (Ef.1,22). É esta vitória de Cristo, sobre o poder do mal, que imprime confiança à nossa vida. Ainda que muitas forças negativas atuem, entretanto, no coração do Homem, no campo da História e no curso dos tempos, nós esperamos os novos céus e a nova terra! Esperamos, e trabalhamos, para que este Reinado de Cristo se estenda ao largo e ao longe, a todos os domínios da nossa Vida. O Senhor está connosco. E se permite vivermos ainda no tempo da «desolação» (I Cor.7,26), da «provação do mal» (Ef.5,16), que não poupa a própria Igreja, [Ele] dá-nos e exige-nos a força do combate. Porque este é um tempo de espera e de vigília. Não é um tempo de descanso e de repouso. É um tempo de missão e não de demissão!

4. «A partir da ascensão, a vinda de Cristo está, pois, iminente (Ap.22,20), mesmo que **não nos "pertença saber os tempos que o Pai determinou com a sua autoridade"** (Act.1,7). Esta vinda está pendente, a todo o momento da História. Ele virá, não quando tudo estiver destruído, mas quando tudo for novo. Virá quando «[Cristo] for tudo em todos»! Até lá, não ficamos a olhar para as nuvens! Partiremos pela vida fora a ensinar, com a palavra e o testemunho, «**a cumprir tudo o que Ele nos mandou**». Tudo mesmo. O Evangelho inteiro. Integral. Sem cortes nem recortes. Esse é que a semente do mundo velho que acaba e o fermento de um mundo novo que começa!

Homília na Ascensão do Senhor B 1997

1. Pés na terra e olhos fitos no Céu. Lá no alto, Jesus. Sem a estreiteza do espaço, sem os limites do tempo. Cá em baixo, a Igreja. Chamada a ir por toda a parte e a caminhar até ao fim dos tempos. Lá em cima, a Cabeça! Cristo, Senhor do Mundo e da História. Cá em baixo, o seu Corpo. A Igreja, Serva dos Homens e do Reino de Deus em cada tempo. Numa palavra, Jesus parte para ficar. E junto do Pai intercede por nós. E nós ficamos para partir. Na certeza de que Ele coopera connosco até ao fim dos tempos... Com os pés na terra e de olhos fitos no Céu... Chegou o nosso tempo. Chegou a nossa vez. De «ir por todo o mundo, e anunciar a boa nova a toda a criatura». Fiéis aos gemidos do Espírito, que chama e envia, sempre para mais alto e mais longe... e atentos aos gritos da Terra que nos prende e compromete, aqui e agora.

2. A Ascensão do Senhor é, por assim dizer, o dedo indicador de Jesus a atirar o nosso olhar para cima. A elevar o nosso espírito para as alturas do Eterno, a mostrar-nos a meta última do nosso crescimento. “Elevando-se à nossa vista», Ele ilumina os olhos do nosso coração para compreendermos a esperança a que somos chamados, desafia-nos a caminhar de cara levantada, peito firme e cabeça erguida. É um exercício fundamental este de «olhar para o Alto», de contemplar Jesus, de olhar o Homem Novo, para que a nossa vida tenha largos horizontes, raízes fundas e desejos profundos... e assim aspire a crescer para Ele «até que cheguemos todos ao estado de homem perfeito, à medida de Cristo na sua plenitude» (Ef.4,13).

3. Somos chamados a «crescer interiormente», para que todo o Corpo da Igreja se configure à sua Cabeça, Jesus Cristo. Se n’Ele tudo já se cumpriu, se n’Ele o corpo da sua humanidade atingiu o seu melhor... em nós tudo deve ainda cumprir-se. E por isso, há que vencer a lei da gravidade, que sempre nos atira para o chão, e

seguir a lei da Vida, que nos liberta para o Alto. Este apelo a crescer, a ir mais longe e mais fundo é para todos:

- Um apelo para os pais, que devem educar, «puxando para cima» sem se resignar à tentação cómoda de deixar ir tudo por onde sopra a corrente... Para os filhos, que devem pedir menos dos outros, e exigir mais de si, sem caírem na tentação de «atingir os objectivos mínimos», de fazer só o que lhes é útil e agradável, mas antes procurar o sentido último da vida e das coisas... nas aulas de moral, na Catequese ou nos grupos de Jovens; no jogo e na Oração, na festa e no compromisso.

- E esse apelo a crescer, em humanidade e em fé, deve ver-se também na paróquia. Nenhum colaborador da vida pastoral pode contentar-se simplesmente em ler sem meditar, em ensinar sem testemunhar, em prestar ajuda sem servir, em cantar sem rezar, em receber sem dar, em estar sem participar, em construir sem edificar.

O desafio que nos é feito cada vez que lemos, ensinamos, cantamos, rezamos ou nos reunimos aqui, em Eucaristia e em Oração, é o de «crescermos na fé e no conhecimento de Jesus Cristo». Só assim, o Corpo de Cristo se edificará até que cheguemos todos ao estado de Homem perfeito, à medida de Cristo na sua plenitude.

Crescei. E aparecei! Dirá hoje o Senhor a cada um de nós!

Homília na Ascensão do Senhor A 1996

Jesus, elevado ao Céu, não é um desaparecido em combate! A sua ascensão não é uma fuga para a frente, mas a plenitude de uma presença que se intensifica. A ascensão não é a desapareção de Jesus que vemos então partir. É a aparição do Ressuscitado que nos faz partir e permanece connosco: **«Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos»**, diz o Senhor! Livre e liberto das amarras do tempo, da carne, do espaço, Cristo Ressuscitado é constituído Senhor do Céu e da Terra. Ele participa plenamente do poder de Deus, que a si submete todas as coisas. Nada escapa ao seu domínio. Nada se passa fora do seu alcance, nada existe fora d'Ele. Ele preenche tudo em todos.

«Eu estou sempre convosco até ao fim dos tempos»! E está mesmo! Não desapareceu. Ele está connosco:

Mesmo quando nos parece que este mundo está dominado por outros poderes, *Ele está connosco*. E nenhum poder lhe diminui a força do seu amor.

Mesmo quando nos parece que a história está entregue a outros senhores, *Ele está connosco*; e não perde nunca o «senhorio» sobre o mundo.

Mesmo quando nos parece que o homem vive sacrificado a outros deuses, *Ele está connosco*. E se o homem pode ter a coragem de o negar, não terá nunca a força de o esquecer¹.

Ele está connosco. Ninguém nos pode subtrair do seu olhar ou separar do seu *domínio amoroso* ou excluir do seu *poder redentor*. Ele está connosco. Nada e ninguém o demove de estar connosco; nada e ninguém tem o poder de O demover deste amor. *«É preciso que na nossa consciência se revigore a certeza de que existe alguém que tem nas mãos os destinos deste mundo que passa. Este*

¹ cf. MIGUEL TORGA, *Diário* (?)

*Alguém é o Amor*²» o Espírito de Cristo Ressuscitado que está connosco. «A força da Cruz de Cristo e da sua redenção é maior do que qualquer mal de que o Homem possa ou deva ter medo»³. Dê as voltas que o mundo der, Cristo continuará soberano sobre o mundo. Não andaremos nunca à deriva no oceano da história, não estamos, de facto, entregues ao nada, não caminhamos para o abismo. Mesmo aos tombos, andamos envolvidos em Deus como no ar que respiramos, «é n'Ele que vivemos, nos movemos e existimos»⁴. No meio de todos os erros e desvios do Homem, Cristo está connosco e o homem presente-O e deseja-O. E Ele está connosco até neste desejo insatisfeito que O denuncia e presente. O Homem presente esta presença, não porque esteja alienado e tenha de «acreditar em algo» para viver. Mas porque Deus preenche o mundo e abraça a criação inteira, o homem não pode alhear-se inteiramente d'Ele e existir fora d'Ele. *Por isso não deveríamos falar tanto da ausência de Deus ou do seu silêncio, mas sobretudo da vontade de sufocar a voz de Deus*⁵. O Senhor está realmente no meio de nós!

Os cristãos vivem nesta certeza confiante e não podem entrar no derrotismo próprio de quem não augura nada de bom, ou na passiva resignação de quem já nada espera, ou na alienada demissão de quem está à espera que as coisas caiam do Céu... Há que «ressuscitar» esta presença escondida do Senhor no coração da história e caminhar na esperança.

Quando o cristianismo é mal visto pelo mundo, a façanha que lhe cumpre realizar não é mostrar eloquência de palavra, mas grandeza de alma⁶. O Senhor está connosco até ao fim dos tempos!

² JOÃO PAULO II, *Atravessar o Limiar da Esperança*, 206.

³ *Ibidem*, 204.

⁴ Act. 17, 28 (discurso de Paulo no areópago de Atenas)

⁵ *Ibidem*, 122.

⁶ Sto. Inácio de Antioquia

Solenidade da Ascensão do Senhor B 1994

1. Ayrton Senna: a glorificação do herói!

Ayrton Senna foi recebido como um herói em sua Pátria. Num país subdesenvolvido onde as crianças são sequestradas para serem vendidas, num país minado pela corrupção, poluído pela desgraça, é natural que o povo se pergunte ainda a que deuses deve levar as suas flores... O corredor de Fórmula 1 chegou morto e foi glorificado como um deus sem vida, num povo que vê nesta morte o sinal de uma honra perdida, uma dignidade atraçoada. Os heróis e os deuses nesta «era do vazio» são assim devassados na sua intimidade, feridos no seu pudor, impedidos até de viver serenamente a própria morte. A glorificação de Ayrton Senna, ou a de Pelé, de James Dean ou de Marylin Monroe, coroados de rosas, dão azo a mostrar o desencanto deste mundo que não vê mais que o palmo de terra que tem à sua frente. Tais deuses morrem nas esquinas do tempo, sem encanto, nem vida privada, sem ligação ao destino do além. A celebração da morte não é senão a dor do desaparecimento de um herói que afinal tinha pés de barro. É por aqui que andamos. Aterrados a deuses de curta duração, com o coração preso ao instante, desnorteados pelas estrelas do mundo que morrem na Terra e não têm lugar no Céu. Ayrton Senna é a figura desse herói a quem se prestou culto. Mas rei morto, rei posto. Após uns instantes de emoção a vida continua como dantes, sem esperança.... sem norte nem sentido, com asilusões do tamanho das nossas tão baixasilusões.

2. Ascensão: A glorificação de Jesus

Leio este acontecimento sob o olhar fito no Céu, neste dia da Ascensão de Jesus. É a festa da glorificação do Filho de Deus, a sua subida ao pódio da vitória, onde é galardoado pelo Pai. Jesus eleva-se à vista dos discípulos, desaparece ao seu humano olhar. Não fica a emoção estéril. Fica a Igreja, o grupo dos discípulos, a fazer Corpo com Ele, a continuar a obra do Mestre. E Ele vai. A sua frágil

humanidade, que é também a nossa, entra na esfera do divino, liberta-se do peso, do tempo, da medida...Torna-se presença de amor na comunhão com o Pai.

É a nossa vitória. Desaparece e deixa-nos a esperança. Sobe e com Ele nos atrai, fazendo-nos olhar mais além, aspirar mais alto, com os pés assentes na Terra e os olhos fitos no Céu.

Celebrar a Ascensão não é simplesmente dizer que Cristo partiu para ficar. É também dizer que assim, unidos a Ele, ficamos nós mas para partir, chamados ao mais além. Que há um apelo do alto para a nossa vida. Ascensão de Jesus é também um «sinal mais» de sentido para a nossa vida, tantas vezes sufocada pela atração da Terra, sem valores, nem exigências do Alto que mereçam a nossa entrega, o sacrifício da nossa vida.

A ascensão de Jesus não é a glorificação de um herói desaparecido, como Ayrton no meio de um povo sem esperança. A ascensão do Senhor é a glorificação de um homem muito humano. Ele que é nossa Cabeça e está mais além no mundo do amor, para aí nos atrai, como seu Corpo, em busca do eterno, da vida e do amor. Ao desaparecer, não foi só. Levou-nos com Ele. Ao desaparecer não ficamos sós. Porque Ele está sempre connosco até ao fim dos tempos. Aleluia.

Homilia Exequial na Solenidade da Ascensão do Senhor C 2019

1. Celebramos, neste domingo, (que estamos praticamente a iniciar) a Solenidade da Ascensão do Senhor. Jesus, que veio do seio do Pai, volta para o Pai. Mas agora leva e eleva com Ele a nossa própria humanidade. Este Jesus, que por nós nasceu, viveu, morreu e ressuscitou, carrega com Ele as marcas da nossa humanidade, das nossas feridas e dores, das nossas esperanças e alegrias, dos nossos limites e cansaços. "Elevando-se" à vista dos discípulos, Cristo sobe ao Céu, com aquela humanidade, que é afinal a nossa, mas agora transfigurada, divinizada e eterna. Sendo Ele, nossa Cabeça, atrainos para Si na comunhão com o Pai, enquanto membros do Seu Corpo. Por isso, «a Ascensão de Cristo é a nossa esperança».

2. Com esta última aparição, Jesus projeta-nos o olhar para o alto; tira-nos os olhos, mas não os pés, do chão. Faz-nos ver mais alto, mais longe, mais além. Mostra-nos, afinal, a altíssima vocação, a que estamos chamados. Portanto, a Ascensão revela, em toda a sua beleza e grandeza, a "altíssima vocação" de cada pessoa humana, chamada à vida eterna no Reino de Deus. Assim, queridos irmãos e irmãs, celebrar a ascensão é recordarmos que devemos aspirar às coisas do alto, que somos chamados às alturas. Não existe no mundo só a força de gravidade que nos atira para baixo, mas também uma força de gravidade que nos eleva para o alto, que nos faz erguidos, que faz verticais as árvores, as flores, e que nos mantém de pé, isto é, vivos e ressuscitado, na comunhão com o Senhor.

3. Permanecendo nesta terra, somos chamados a fixar o céu, a orientar a nossa atenção, o nosso pensamento e o nosso coração para o mistério inefável do amor de Deus. É Deus a meta, a pátria e o sentido definitivo da nossa vida. A nossa vida é atraída para o céu, isto é, para a felicidade infinita, na plena comunhão de vida e amor, com Deus e n'Ele, com todos os nossos irmãos. É o céu, e não o pó da terra, é o nosso futuro. E o Céu está onde Deus está e o Seu amor nos alcança. Somos chamados a olhar na direção da realidade divina, para a qual cada pessoa humana

está orientada desde a criação do mundo. Ali está contido o sentido definitivo da nossa vida: a vida eterna. Sem a perspectiva da vida eterna, a pessoa carrega sobre si um enorme deficit de esperança. «É como se ao homem tivesse sido cortado um tendão, de tal forma que ficasse impedido de correr para a meta; é como se lhe tivessem cortado as asas” (H. Balthasar):

4. Irmãos e irmãs: São Lucas conclui, de surpresa, o seu Evangelho, dizendo: “os discípulos voltaram a Jerusalém com grande júbilo”. Em vez disso, deviam estar tristes, acabava uma presença, foi-se embora o seu Amor, o seu Amigo, o seu Mestre. Mas a partir daquele momento, eles sentem dentro de si um amor que abraça o universo. É a Deus que entregamos esta vida. Não cairá em saco roto, no vazio, no nada. É uma vida que, enraizada nas profundidades da terra, se projeta agora nas alturas do amor de Deus.

5. Deste modo, os discípulos veem em Jesus, que a vida da pessoa humana não acaba com a morte, que a nossa vida é mais forte que as suas feridas e pecados. Com a sua alegria, ao verem Jesus partir, os discípulos testemunham-nos que um outro mundo, uma outra vida, é possível; asseguram-nos que a realidade não é só isto que se vê, mas abre-se sobre um “além”. Os discípulos acreditam que em cada sofrimento, Deus inseriu centelhas de ressurreição, acendeu clarões de luz no escuro, abriu fissuras nos muros das nossas prisões, para nos resgatar dos limites da condição humana e nos tornar participantes da plenitude da luz divina. Peçamos então ao Senhor, nesta celebração, em que nos despedimos do(a) nosso(a) irmão (ã) que o exalte na Sua glória e a nós todos nos dê “um espírito de sabedoria e de luz, que ilumine os olhos do nosso coração, para compreendermos a esperança a que fomos chamados” (2ª leitura).